Yama kɨ hwërɨmamouwi thë ã oni

Palavras escritas para nos curar

Escola dos
Watorikɨ theri pë
1997

CCPY / MEC / PNUD

Yama kɨ hwërɨmamouwi thë ã oni

Palavras escritas para nos curar

Renato Nicolai

Escola dos Watorikɨ theri pë

1997

CCPY / MEC / PNUD

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental
Iara Glória Areias Prado

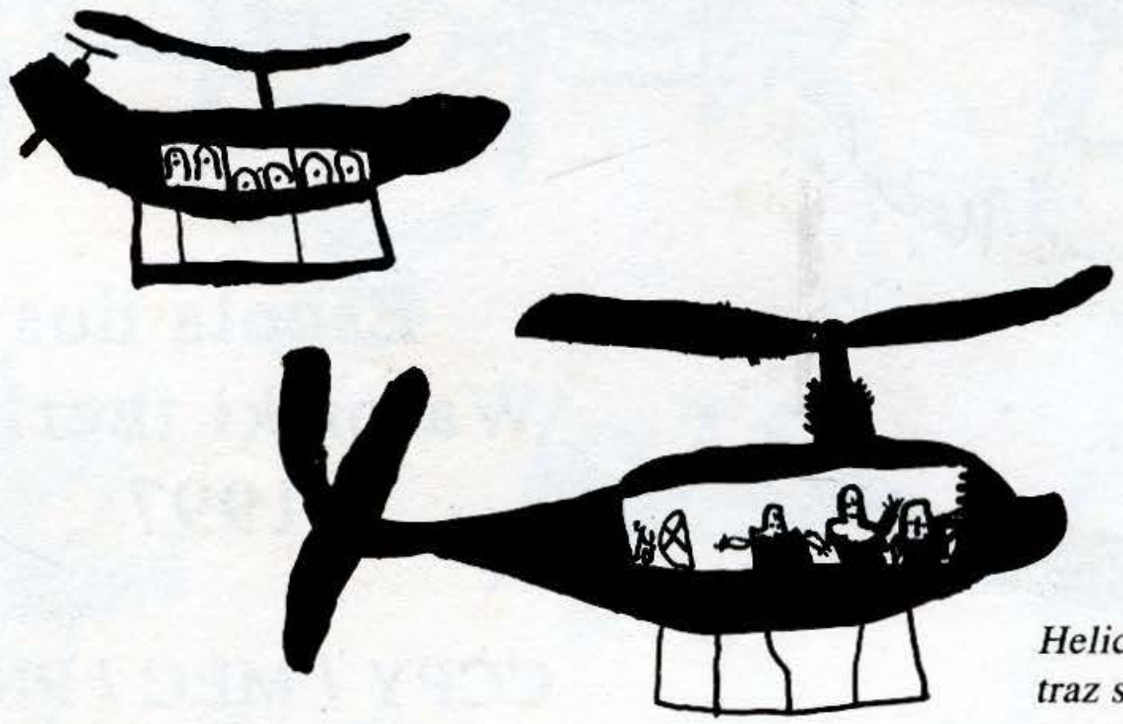
Diretora do Departamento de Políticas da Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo
Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas
Ivete Maria Barbosa
Madeira Campos

Equipe Técnica
Caio Valério de Oliveira,
Deuscreide Gonçalves Pereira
Deusalina Gomes Eirão
Marcelo Ernandez Macedo

Comitê de Educação Escolar Indígena
Iara Glória Areias Prado - *Presidente*
Susana Martelleri Grillo Guimarães
Meiriel de Abreu Souza
Luis Donisete Benzi Grupioni
Silvio Coelho dos Santos
Aldir Santos de Paula
Rosely Maria de Souza Lacerda
Sebastião Mário Lemos D. da Costa
Jadir Neves da Silva
Darlene Yaminalo Taukane
Valmir Jesi Cipriano
Bruno Ferreira
Algemiro da Silva
Salvino Brás
Nietta Lindenberg Monte
Marina da Silva Kahn
Bruna Franchetto
Terezinha de Jesus Machado Maher
Nilmar Gavino Ruiz
Marivânia Leonor Furtado Ferreira
Júlio Wiggers
Álvaro Barros da Silveira

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas Brasileiras, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena



Helicóptero traz socorro

Apresentação
5

1
Palavras escritas sobre as epidemias dos brancos
13

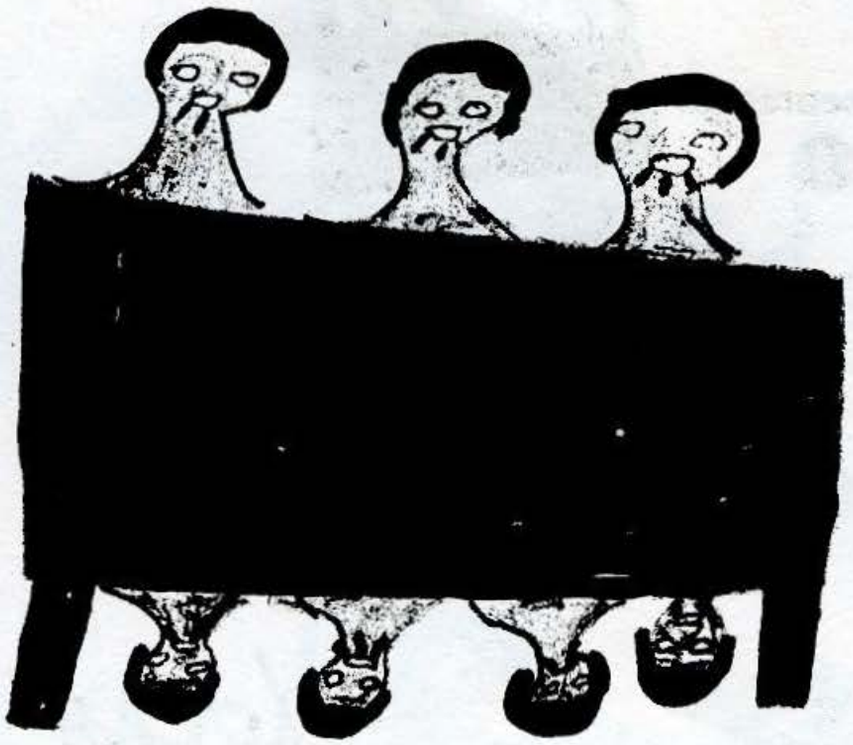
2
Palavras escritas sobre o mal da malária
27

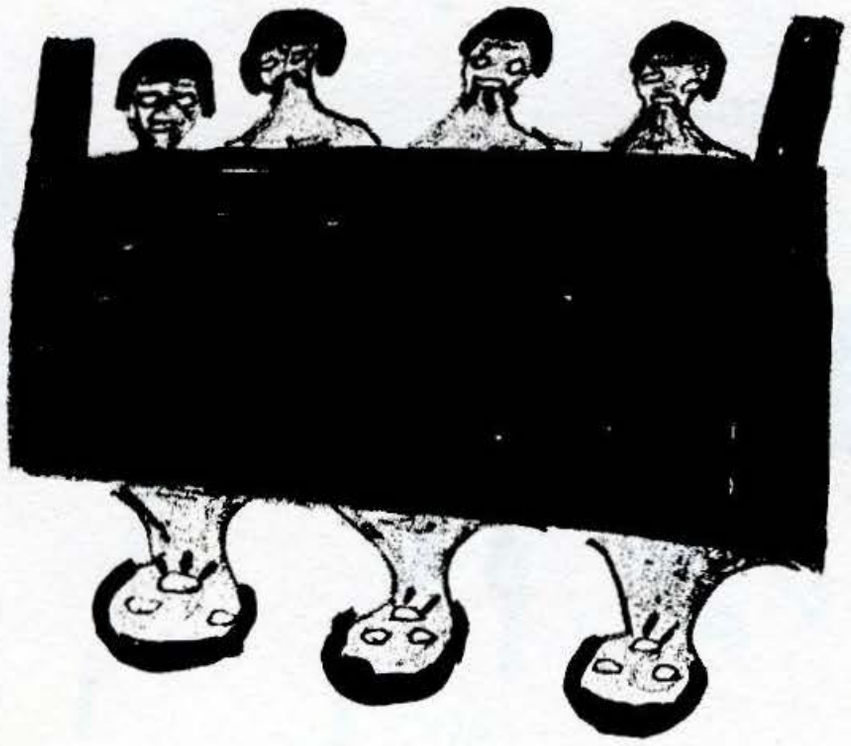
3
Palavras escritas sobre o mal da gripe
43

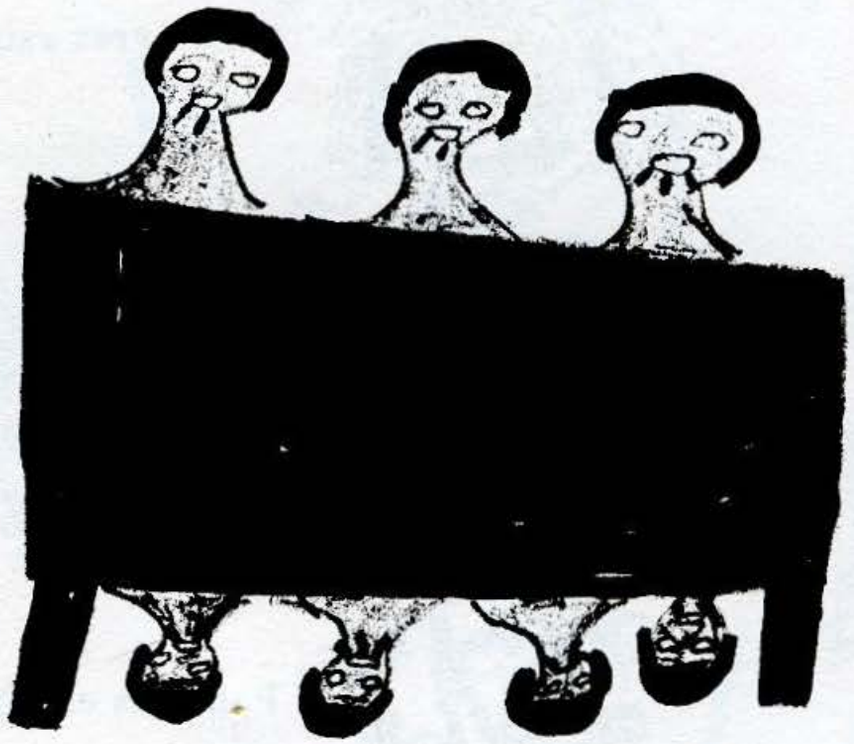
4
Palavras escritas sobre o mal da tosse
53

5
Palavras escritas sobre as dores de dentes
65

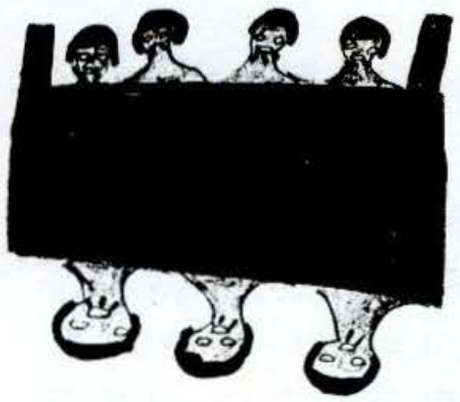
Anexo
81







4



Apresentação

Bruce ALBERT
Antropólogo do ORSTOM (França)
Assessor da CCPY

As cinco cartilhas bilíngües Yanomami - Português apresentadas a seguir foram produzidas na escola dos Watoriki tʰeri pë ("habitantes da serra do vento forte")[1] durante o período de 25 de maio de 1996 a 17 de junho de 1996, no âmbito dos projetos de educação e saúde desenvolvidos pela CCPY nesta aldeia indígena.

Os Watoriki tʰeri pë

A população dos Watoriki tʰeri pë conta com 101 pessoas, das quais 45 % têm menos de 10 anos de idade. Apresenta um ritmo de crescimento demográfico muito forte (3,5% ao ano). Trata-se de uma comunidade em fase de recuperação, depois de ter sido quase aniquilada por várias epidemias ao longo de sua história recente, em particular nos anos 1970, durante a fase dos seus primeiros contatos com a sociedade envolvente (período da construção da rodovia Perimetral Norte).[2]

Sua chefia é bicéfala, assegurada, no plano interno, por um líder tradicional e xamã respeitado (Lourival Yanomami) e, no que tange às questões de relações externas, por seu genro e chefe de posto da FUNAI, Davi Kopenawa, conhecido porta-voz da causa yanomami no plano nacional e internacional.

Estas características históricas, demográficas e políticas fazem dos Watoriki tʰeri pë uma população jovem e dinâmica, enquadrada por adultos que, por serem sobreviventes das grandes epidemias dos 70 e terem acesso a informações precisas sobre a sociedade envolvente, são altamente conscientizados face aos perigos do contato (em 1988-89 foi uma das poucas aldeias yanomami a expulsar os garimpeiros logo na sua chegada).

É deste dinamismo e desta experiência que os Watoriki tʰeri pë tiram hoje o seu desejo de adquirir conhecimentos capazes de garantir sua autonomia sanitária, econômica e política. O grande interesse despertado pelo programa de educação na comunidade enraíza-se na expectativa de que ele possa ser um instrumento privilegiado desta busca de autonomia.

Contexto

O trabalho de produção das cartilhas foi desenvolvido quase um ano após a implementação do programa de alfabetização da CCPY na comunidade dos Watoriki tʰeri pë (julho de 1995).

Após um ano de existência do programa:

• uma parte significativa dos alunos (aproximadamente um terço em fins de 1995, mais da metade em meados de 1996) tinha chegado a um nível básico de escrita e leitura de sílabas e palavras em Yanomami;

• um pequeno grupo de alunos mais adiantados tinha adquirido boa fluência na escrita e leitura de frases e textos curtos na sua língua e já atuava como professores indígenas espontâneos na aldeia (sob supervisão da educadora da CCPY);

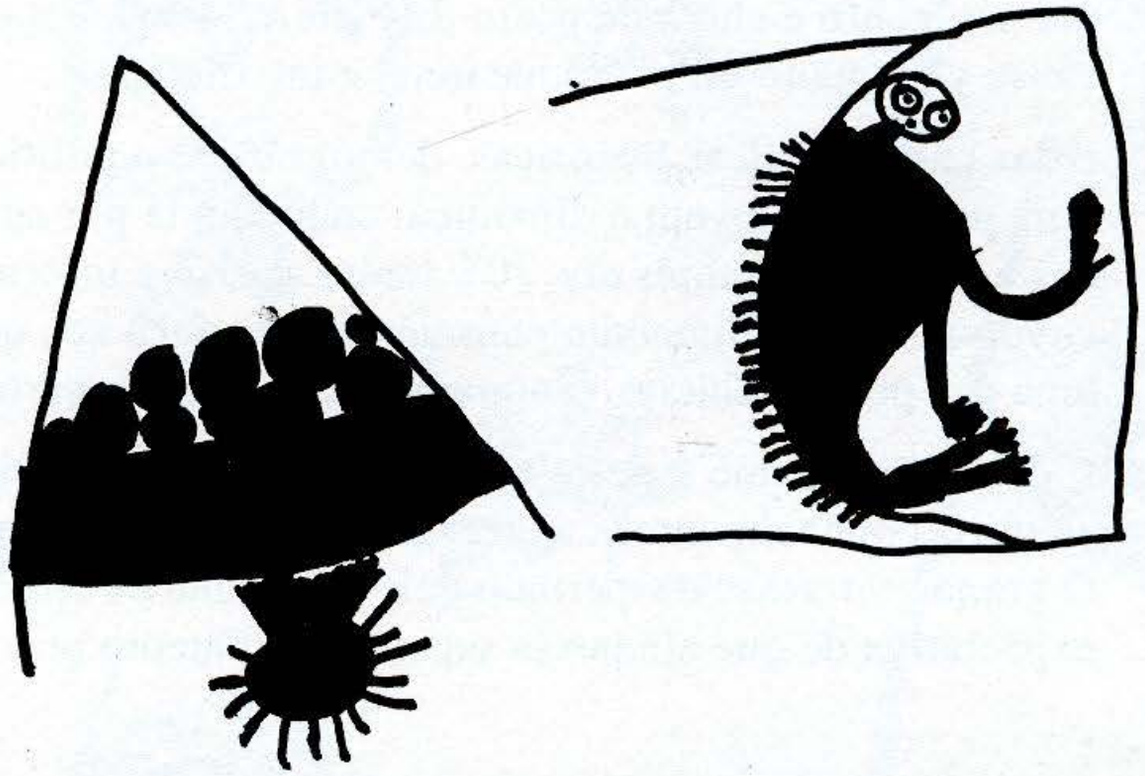
• a equipe médica da CCPY e as lideranças da comunidade manifestavam o interesse de introduzir no programa escolar elementos básicos de educação sanitária como primeiro passo de um projeto de formação de agentes de saúde yanomami.

Frente a estas novas realidades, foram definidos três objetivos:

• encaminhar a elaboração de textos de leitura na língua yanomami a fim de acompanhar e sustentar a consolidação do programa de alfabetização;

• produzir material pedagógico oferecendo conhecimentos básicos sobre questões de saúde particularmente relevantes para a comunidade;

• começar a formar os alunos mais adiantados da escola dos Watoriki tʰeri pë ao processo de produção de textos na sua propria língua.



Carne assando num jirau e doente na rede comendo

Metodologia

A produção das cartilhas foi concebida como um processo dialógico entre os Yanomami e os assessores não-yanomami (médico, odontólogo), no qual o antropólogo operava enquanto interface de tradução/negociação no plano lingüístico e cultural. Assim, para realizar cada um dos cinco textos, foi reunido, sob a coordenação do antropólogo, um grupo de trabalho composto de especialistas das diversas áreas de competência envolvidas:

• os jovens mais adiantados no processo de alfabetização, por sua competência na escrita fluente do Yanomami (Joseca, Cláudia, Geraldo e Tenose Yanomami);

• os homens influentes da comunidade no plano cultural e político, como o velho líder Lourival Yanomami, por seus conhecimentos históricos e xamânicos, e Davi Kopenawa, por sua visão global das orientações do programa de educação e por sua experiência na escrita;

• os assessores não-yanomami: Deise Alves Francisco, médica da CCPY, Ana Isabel Dias, odontóloga da Diocese de Roraima, e Maria Edna de Brito, educadora da CCPY.

Para a cartilha 1, a médica e o antropólogo pediram ao velho líder Lourival Yanomami um depoimento sobre a situação de saúde anterior ao contato e sobre a história epidemiológica do seu grupo desde os anos 1930. De cada etapa desta narrativa foram extraídos trechos chave pelo antropólogo. Estes trechos foram então submetidos aos "jovens letrados", para serem resumidos na forma de frases escritas apropriadas aos objetivos do trabalho (elaboração de material de leitura básico e introdução histórica às relações entre contato e saúde). O texto obtido foi finalmente checado pelos dois mais competentes "letrados" da comunidade: Joseca Yanomami e Davi Kopenawa.

Para as outras cartilhas (2,3,4 e 5), o antropólogo pediu à médica e à odontóloga para sintetisar as informações biomédicas básicas a serem transmitidas no âmbito do programa de educação sanitária. Colocou depois estas informações na forma de proposta de frases yanomami, que foram submetidas tanto aos "jovens letrados" quando às "autoridades político-culturais" da aldeia. As propostas de frases foram então avaliadas (corrigidas e/ou contestadas) e reformuladas pelos Yanomami numa forma lingüística e cultural que lhes parecesse satisfatória. Os textos finais foram também checados por Joseca Yanomami e Davi Kopenawa.

Enquanto se desenvolvia esta produção coletiva das cartilhas, extratos dos textos em elaboração (frases, parágrafos ou páginas) eram imediatamente usados nos processos pedagógicos quotidianos pelo público de alunos que sempre cercava o grupo de trabalho. Estes extratos eram copiados, lidos e comentados no quadro negro da escola por alguns dos "jovens letrados", para serem reproduzidos pelos outros alunos em seus cadernos (ou em um dos outros três quadros negros da aldeia). Em outros momentos, versões preliminares ou definitivas de páginas dos textos eram circuladas e comentadas entre os alunos, que livremente as usavam para exercícios de leitura ou modelos de escrita. Finalmente, todo o trabalho sobre as cartilhas foi acompanhado por sessões de desenhos livres inspirados nos temas evocados nos textos, dando oportunidade para mais comentários, leituras e escrita. Assim, em complemento às sessões escolares habituais (ministradas pela educadora), as sessões de produção de textos criavam entre os alunos da aldeia uma alegre dinâmica de disseminação pedagógica.

Durante a produção das cartilhas, foi dada uma atenção particular ao princípio de negociação intercultural dos textos (além dos cuidados dados aos seus aspectos lingüísticos). Assim, a sua formulação e conteúdo foram longamente debatidos para atingir a maior sintonia possível com a visão indígena dos fenômenos abordados, mas isto sem prejuízo da qualidade técnica das informações sanitárias transmitidas. Assim, nunca foi tentado traduzir literalmente para o Yanomami textos já fechados em português "simplificado" (postura tão ineficiente quanto infantilizante). Também nunca se pretendeu meramente "registrar" uma auto-elaboração das cartilhas pelos Yanomami (pretensão tão irreal quanto demagógica nesta fase do programa educativo).

Este princípio de negociação intercultural dos textos foi também colocado em prática na tentativa de construí-los como instrumentos dotados de uma dupla finalidade didática :

• trazer novos saberes "teóricos" e práticos sobre diferentes aspectos da realidade do contato (tais como novos conhecimentos sanitários sobre patogenia, patologia e tratamento);

• reforçar pelo prestígio da escrita a transmissão de conhecimentos indígenas ameaçados de não ser passados aos mais novos pelos canais da tradição oral (tais como conhecimentos sobre plantas medicinais, eventos históricos ou referências cosmológicas).

A valorização/fixação de novos conhecimentos na escola intercultural pode, apesar das melhores intenções, contribuir rapidamente para a obliteração de formas/situações sociais de transmissão de saberes tradicionais já desvalorizadas ou em desuso sob o efeito da

situação de contato. Portanto, tanto no processo de elaboração das cartilhas quanto nas temáticas do seu conteúdo sempre foi tentado mobilizar simultaneamente as competências respectivas dos jovens (que escrevem mas não sabem) e dos anciãos (que sabem mas não escrevem). Assim, longe de servir para ocultar ou substituir a memória dos conhecimentos indígenas, a escrita foi usada para valorizar temas oriundos da tradição oral a fim de incentivar indiretamente sua transmissão de acordo com seus canais e moldes tradicionais.

Farmácia

Conteúdo

As cinco cartilhas foram elaboradas para serem usadas tanto como textos básicos de leitura quanto como textos didáticos para educação sanitária. Segue aqui uma breve descrição do seu conteúdo:[3]

Cartilha 1

napë pë xawara e tʰë ã oni

Palavras escritas sobre a(s) epidemia(s) dos brancos

Esta cartilha foi elaborada a partir do conhecimento da história epidemiológica do contato dos anciãos da comunidade. Descreve de maneira sucinta o contexto no qual se operou a mudança da situação sanitária yanomami após o contato com a fronteira regional (contato direto ou "contato indireto", via outros grupos indígenas). Pretende fornecer o contexto histórico a partir do qual os alunos mais novos poderão entender melhor a realidade sanitária na qual vivem.

Cartilha 2

hura a wai tʰë ã oni

Palavras escritas sobre o mal da malária

Esta cartilha trata da malária, a primeira patologia que acomete os Yanomami em todo o seu território desde o começo da invasão garimpeira, no fim dos anos 1980. São introduzidas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas à doença (sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia, tratamento e profilaxia). São também mencionadas formas de tratamento indígena através de plantas medicinais.[4]

Cartilha 3

huxu a wai tʰë ã oni

Palavras escritas sobre o mal da gripe

Esta cartilha trata da gripe, a segunda patologia hoje mais freqüente entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas à doença (sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia, tratamento e profilaxia). São igualmente mencionadas formas tradicionais de tratamento da doença (plantas medicinais).

Cartilha 4

tʰoko a wai tʰë ã oni

Palavras escritas sobre o mal da tosse (pneumonia)

Esta cartilha trata das complicações da gripe: faringite, conjuntivite, otite, bronquite e, em particular, pneumonia, uma patologia extremamente letal entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas da medicina ocidental relativas a estas complicações, focalizando-se a pneumonia (resistência natural, sintomas, diagnóstico, patologia, patogenia e tratamento).

Cartilha 5 :

na ki kamakaripëowi tʰë ã oni

Palavras escritas sobre as dores de dentes

Esta cartilha trata dos problemas odontológicos que, com as mudanças alimentares induzidas pelo contato, passam a constituir um problema extremamente sério entre os Yanomami. São apresentadas no texto noções básicas sobre estas mudanças alimentares e suas conseqüências odontológicas, bem como noções elementares sobre a formação, o tratamento e a prevenção das cáries. São também mencionadas formas de tratamento indígena das odontalgias (plantas medicinais).

Mãe e filha

Notas:

1. Área do Posto Indígena Demini da FUNAI (AM).

2. Ver, em anexo, um resumo da história dos Watoriki tʰeri pë.

3. Ver, em anexo, dados lingüísticos básicos sobre a grafia yanomami utilizada.

4. Uma pesquisa sobre plantas medicinais yanomami foi também realizada no quadro do programa sanitário da CCPY (ver Milliken & Albert 1997 e sd.).

napë pë xawara e tʰë ã oni

Palavras escritas sobre a(s) epidemia(s) dos brancos

napë pë maõtëhëma tʰë ã oni
Palavras escritas sobre o tempo antes dos brancos

Omamani yanomae tʰë pë tute raromãi tëhë
No começo, quando Omama criou os Yanomami,

tʰë pë pëi mahionimi
eles não ficavam muito doentes.

tʰë pë temi nëhë maoma
Todos tinham boa saúde.

tʰë pë xiro hipëpë nomama
As pessoas só morriam cegas,

tʰë pë hwëwë nomama
as pessoas morriam secas.

ihuru pë totixipë xiro nomama
Só as crianças desmamadas antes do tempo morriam.

në wari pëni mori tʰë pë wama
Os espíritos maléficos da floresta comiam algumas pessoas.

oka pëni ai mori tʰë pë xëpramahe
Os feiticeiros inimigos matavam algumas outras.

xarakani pata tʰë pë niaprayoma makii
Os nossos antepassados faziam guerra com flechas, mas

tʰë pë mapronimi
não se acabavam.

tʰë pë nomaimiha tʰë pë xi topraroma
As pessoas ficavam felizes de não morrer (muito).

ĩhĩ tëhë xapiri tʰë pë warohooma
Nesse tempo existiam muitos xamãs.

tʰë pë pëma makii
Embora as pessoas ficassem doentes,

xapiri tʰë pëni ha rëaheni tʰë pë haroma
os xamãs as protegiam e elas ficavam boas.

xapiri tʰë pëni nëhë yaxoriheni
Depois que os xamãs faziam sua cura,

tʰuë tʰë pëni haro u pëni tʰë pë yaruprai nomihiomahe
por sua vez as mulheres davam banho nas pessoas
com plantas medicinais.

Espíritos xamânicos

napë xawarapë pata tʰë pë ka nomani
Os antepassados que morreram da(s) epidemia(s) dos brancos

Xiomaaha pata tʰë pë pirioma
Os nossos antepassados moravam em Xiomaa.

Xopatʰa u hrikiha yano a upraoma
A sua maloca ficava no meio curso do rio Xopatʰa u.[1]

ĩhĩ tʰë urihiha yanomae tʰë kraioa ha waroikini
Neste lugar chegou um estrangeiro[2]

tʰë pë he yarema
que os contaminou com uma epidemia.

napë pëha xawara a ha nakarini
Ele havia pedido esta epidemia para os brancos e então

kaẽ huxoaimama
veio com ela até (nossos antepassados).

kraioani sarapo a tʰaprarema
Esse estrangeiro transmitiu o sarampo (para eles)

tʰuë a nakai ha kuikini
depois de ter pedido (em vão) uma mulher.

tʰë pë si ha hëtitirarini
Depois que a pele das pessoas descamou,

tʰë pë nasi ha wehani
depois que eles pararam de urinar,

pree tʰë pë nomaokema
todos morreram.

nahi prokea mahiprarioma
A maloca ficou totalmente vazia,

ai tʰë xee hëpronimi
não sobrou ninguém.

urihi a hotea pikema
A floresta envelheceu sozinha.

kama tʰë pë maro mão piokema
Os ossos das pessoas se perderam (sem ritual funerário).

ĩharani tʰë pë nomãi xi torayoma
A partir daí a gente passou a morrer sem controle.

xapiri tʰë pëni a wai ha taariheni
Depois que os xamãs identificaram a doença,

tʰë pë pihi xaariprarioma
as pessoas passaram a entender (as epidemias).

hapa tʰë pë he yariwihi a wai xoa
Esse mal com o qual (os nossos antepassados) foram
contaminados ainda existe.

yama ki nomãi xoa napë pë xawara pëni
Nós continuamos a morrer das epidemias
dos brancos até hoje.

Espíritos xamânicos

Mrakapii harani pata tʰë pëni tʰhoko a wai hapa kaẽ kõtaamahe
Foi em Mrakapii[3] que os nossos antepassados voltaram
pela primeira vez com tosse.

pata tʰë pë horimoma yaro
Eles eram desprovidos de bens, por isso

Watatasi pëha poo pë toaiheha
iam visitar os Watatasipë[4] para conseguir ferramentas metálicas

a wai ihipemahe
e, assim, levaram a doença (para suas malocas).

kapixa pëha tʰoko a pihi kaẽ temahe
Adquiriram roupas e, com elas, a tosse.

xawaraha pata tʰë pë pihi hëtëmoma
Os pensamento dos nossos antepassados ficou
perdido com (esta) doença epidêmica.

witi tʰë waini yamaki nomãi tʰa tʰë pë pihi kuma
De que doença perigosa estamos morrendo ? Eles se perguntavam.

xapiri tʰë pëni tʰë ã xaaripramarema
Os xamãs então endireitaram a história.

tʰë pë pihi ha xaariprarini
Quando o pensamento das pessoas ficou endireitado,

hapënëha pata tʰë pë herea kuma
assim falaram os anciãos em seus discursos :

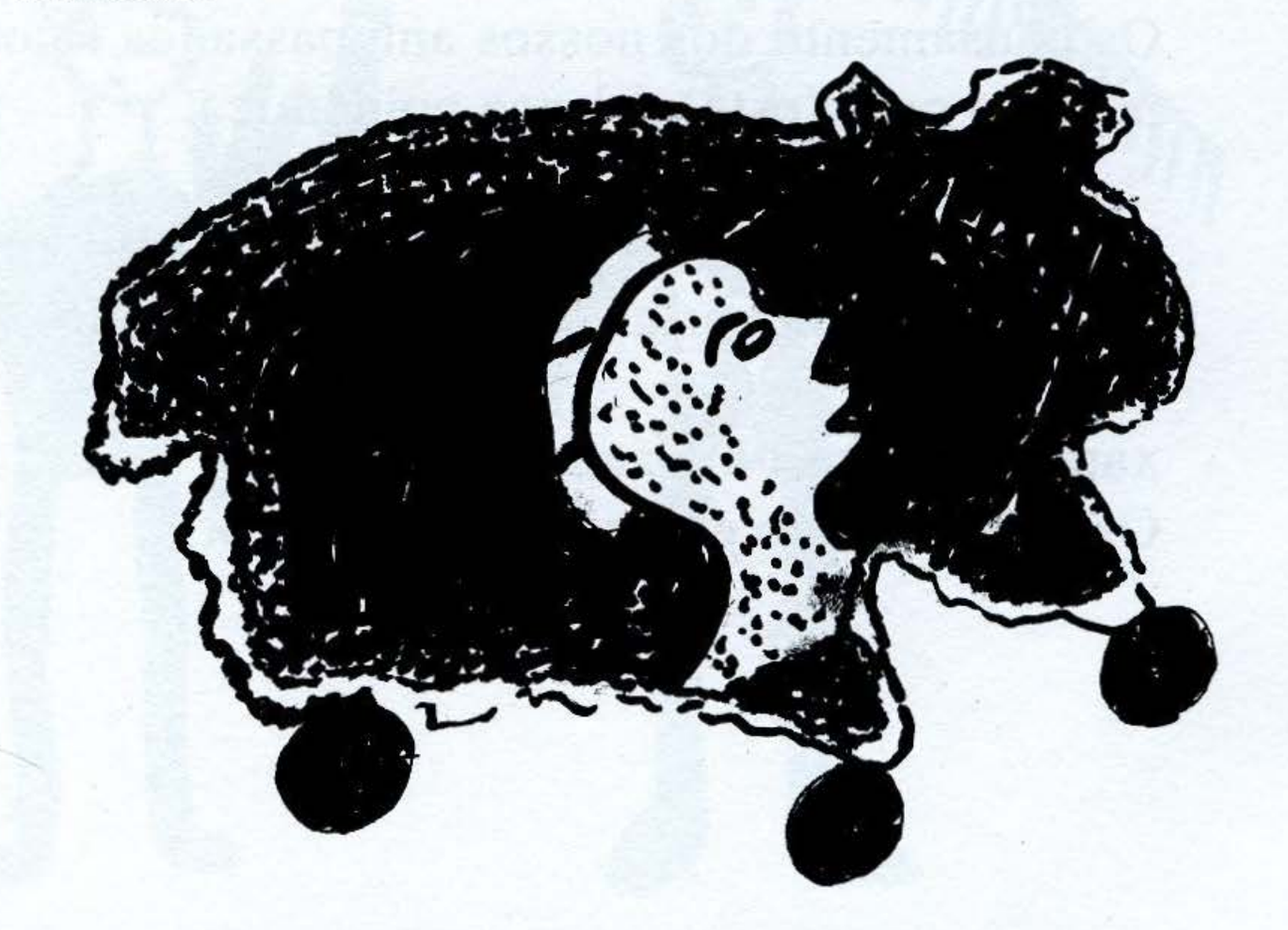
kihami napë pë tʰokomopëha wama ki huu xi wari yaro
vocês têm ido sempre para lá onde os estrangeiros estão tossindo, por isso

wama ki ĩrakema
vocês se contaminaram.

ihuru wama ki wei huu maprario
Vocês jovens têm que parar de ir até lá.

tʰë pë pihi ha xaariprarini
Depois que as pessoas pensaram direito sobre isso,

tʰë pë huu kõtaanimi
pararam de ir até lá.



Epidemia

Werihisipi uha ai pata tʰë pë kuoxoaoma makii
No igarapé Werihisipi u[5] ainda havia outros anciãos,

xawarani pë yai haikia mahiarema
mas uma epidemia acabou mesmo com todos eles.

ahiama tixo a ha itʰorini
Depois que um avião beija-flor[6] desceu,

napë pëni yama ki he yahãtʰoa kõremahe
os brancos espalharam outra epidemia contra nós.[7]

xawara a waini yama ki poremou mahioma
Por causa dessa epidemia perigosa ficamos muito doentes mesmo.

waroho tʰë pë ha nomarini
depois que muita gente morreu,

urihi yama a tirakema
nós abandonamos essa floresta.

yama ki xuhurumoa mahirayoma
Ficamos muito angustiados,

yama ki yamia në wãyaprarioha
ficamos com raiva de ter sobrado tão poucos de nós.

waisipë tʰë në ha teterini
Depois de passar um pouco de tempo

yama ki pëa kõrayoma
adoecemos de novo.

yama ki ha xoriheni
Depois que fomos convidados para uma festa,

Hwaya uha pree tʰë pë hirao tëhë
quando estávamos todos reunidos (na maloca) do igarapé Hwaya u,[8]

yama ki nomãi kõõma
morremos de novo.

Wakatʰa u harani hwama pëni xawara a wai ihia kõremahe
Outros convidados voltaram do rio Catrimani trazendo de novo uma epidemia perigosa.[9]

ĩhĩ tëhë yama ki yai komi maprarioma
Dessa vez todos nós verdadeiramente acabamos.

inaha tʰë kua yaro pata tʰë pë mi mahi
Por isso hoje não tem mais anciãos entre nós.

inaha napë pëni yama ki he yai xi wari kuama yarohe
Assim os brancos nos contaminaram sem parar, é por causa disso

yanomae yama ki nomaokema
que nós Yanomami morremos (tanto).

hwei tëhë xawarani yama ki nomãi kõ pihioimi
Agora, não queremos mais morrer de epidemia.

xawara a waiha yama ki kiria hikiprarioma yaro
Já ficamos com bastante medo do perigo da(s) epidemia(s).

hwei tëhë pata yama ki xiro nomãi pihio
Agora, só queremos morrer de velhice.

Epidemia

Notas:

1. Afluente do rio Couto de Magalhães (anos 1930?).

2. Uma pessoa de outro grupo indígena.

3. Lugar situado na região do rio Couto de Magalhães.

4. Provavelmente os Makú, um grupo do baixo Parima (agora extinto).

5. Afluente do baixo rio Mapulaú.

6. Helicóptero.

7. A epidemia aconteceu em 1973. Sua origem não foi esclarecida até hoje.

8. Afluente do rio Lobo d'Almada.

9. Em 1977 convidados dos Herout^{h}eripë foram contaminados por sarampo na Missão Catrimani.

2

hura a wai tʰë ã oni

Palavras escritas sobre o mal da malária

yama ki huramohuru tëhë wii naha yama ki kuaai tʰa
O que sentimos quando começamos a ficar doentes de malária ?

yama ki yopi mahi
Nós ficamos com febre alta.

yama ki si saihi
Nós temos sensação de frio.

yama ki xetixetimou
Nós temos tremores.

yama ki heki nini
Nós temos dor de cabeça.

yama ki hriki nini
Nós sentimos dor na região lombar.

yama ki matʰa ki nini
Nós sentimos dor nas pernas.

yama ki ũũxi nini wakiki
Nós sentimos dores musculares por todo o corpo.

yama ki uutiti
Nós sentimos fraqueza.

Mosquitos da malária

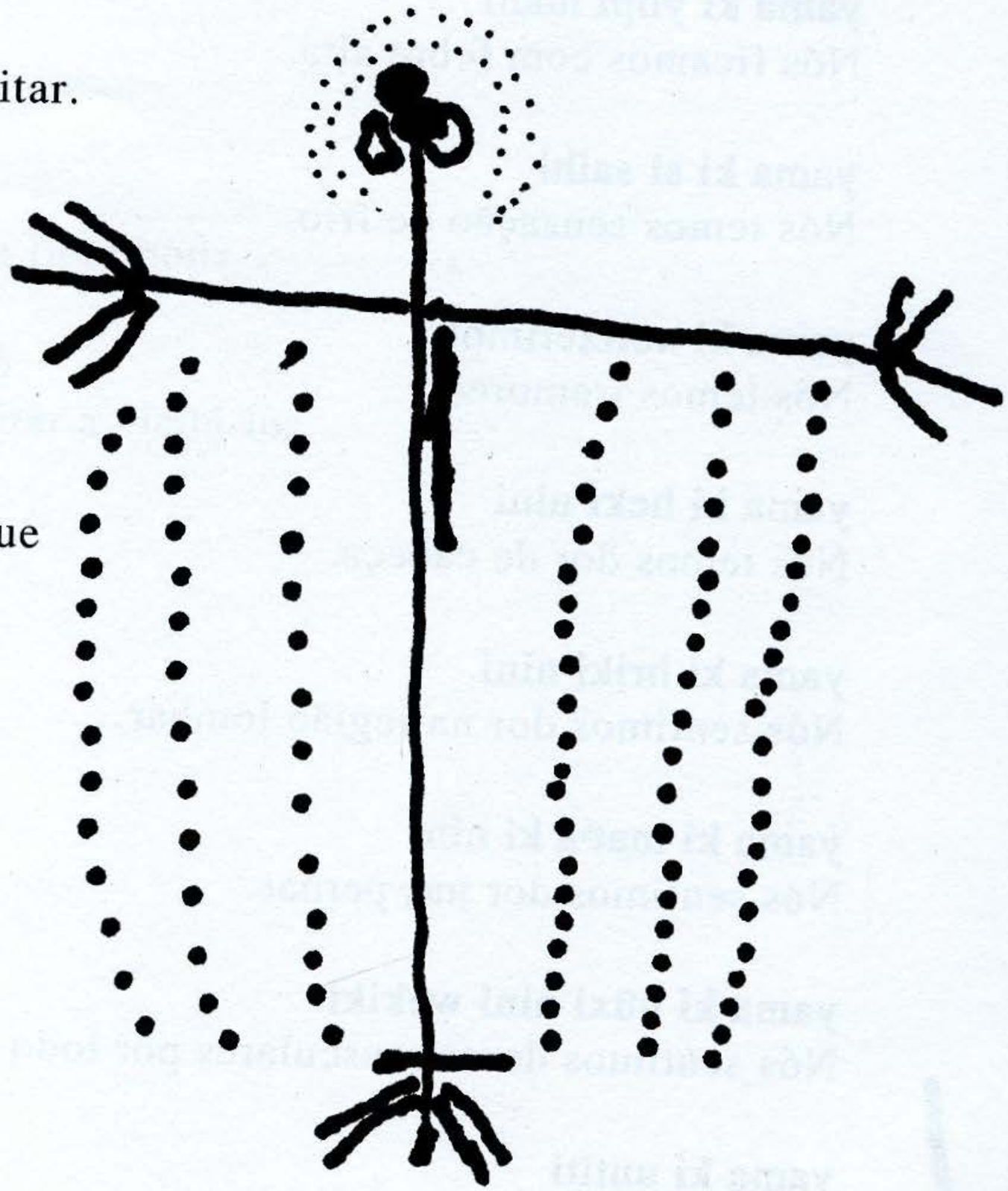
yama ki xiki wai
Nós sentimos dor abdominal.

yama ki komoxi yoruhou
Nós sentimos enjôo.

yama ki tuhrai
Nós temos vontade de vomitar.

yama ki hurapë xuëi
Nós temos o baço
aumentado.

yama ki wëyëki auai iyë mi yaro
Nossa face fica pálida porque
ficamos quase sem sangue.



Mulher com dor no baço

witi tʰë waini tʰë pë huramou tʰa
De que mal as pessoas adoecem quando
estão com malária ?

urihi komiha napë pë ha pëxëpraikini
Depois que os brancos invadiram a floresta,

hura a wai praukuo mopetayoma
a malária se propagou por toda a parte.

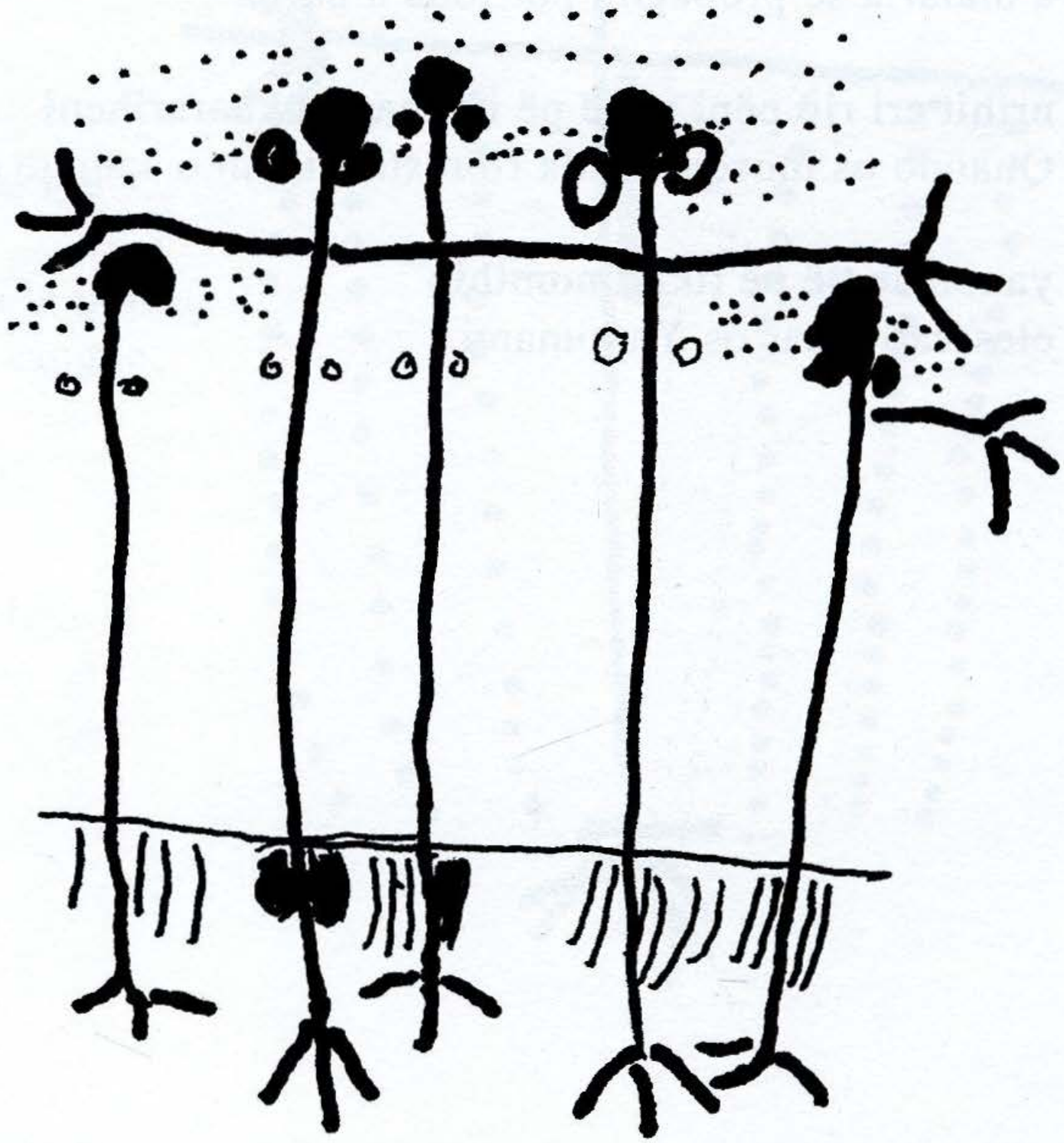
urihitʰeri riõ pëni napë pë iyë ha ukukuarariheni
Quando os mosquitos da floresta sugam o sangue dos brancos,

yanomae tʰë pë tikiai nomihio
eles vão picar os Yanomami.

ĩhĩ napë pë iyëha hura nat^{h}e pë wei titia
No sangue desses brancos há pequenos ovos da malária.[1]

metiko pëni ĩhĩ hura nat^{h}e pë wei tai yarohe
Os médicos conhecem esses pequenos ovos da malária, assim,

plasmódium **pë ã ha hiraihe**
os chamam de plasmódium.

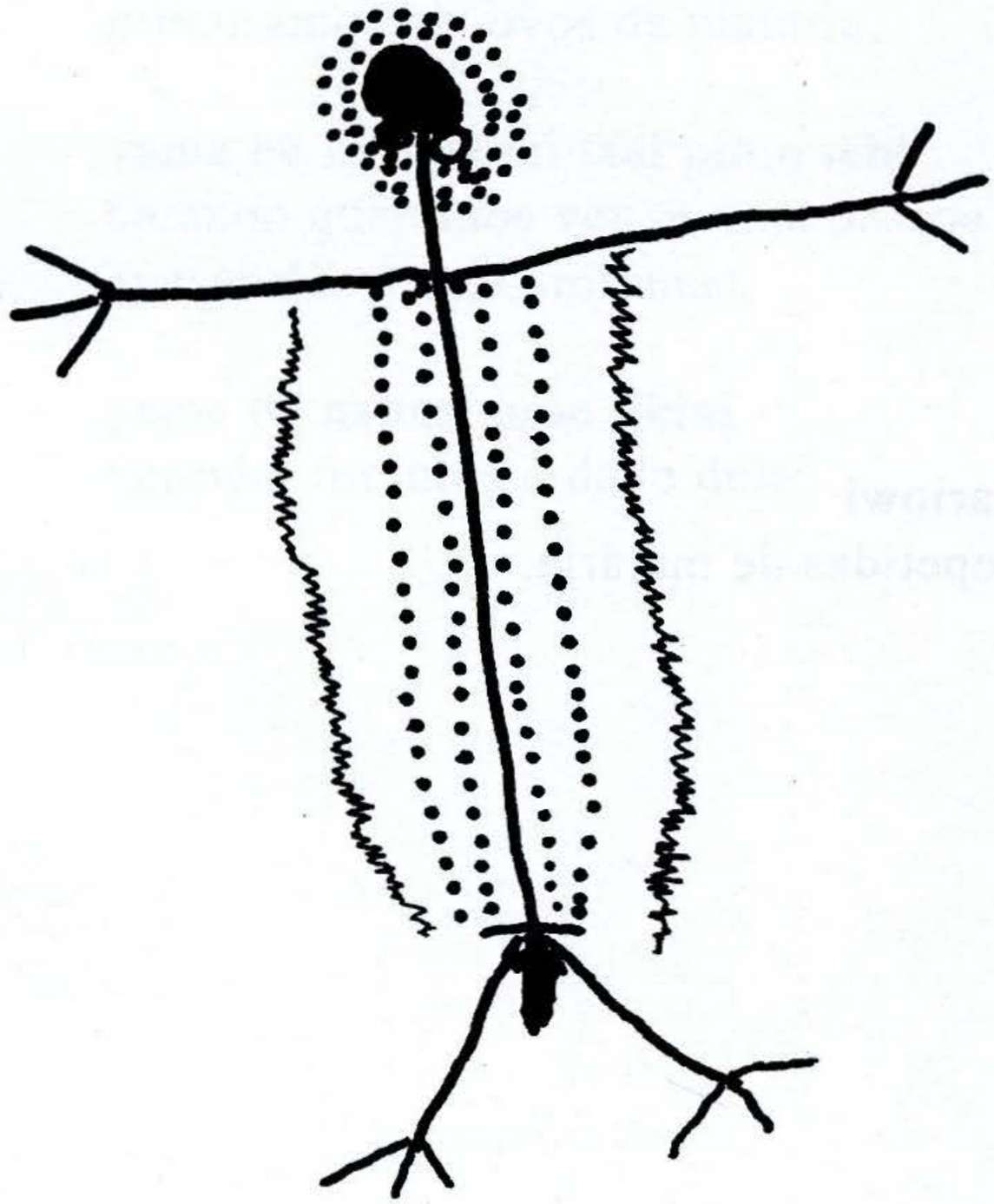


Mulheres

urihitʰeri riõ pëni napë pë iyë ha ukukuarariheni
Quando os mosquitos da floresta sugam o sangue dos brancos,

yanomae tʰë pë hitoxai nomihio
eles vão picar os Yanomami.

kua yaro yanomae tʰë pë iyëha hura natʰe pë wei rukia nomihiki
É assim que os pequenos ovos da malária penetram
por sua vez no sangue dos Yanomami.



Homem

porakae hura nat^{h}e kipë wei kua :
Existem dois tipos de ovos da malária:

Falciparum

nat^{h}e wai mahiowi
cujo poder é muito perigoso e

yanomae t^{h}ë pë yai nomamãiwi
faz os Yanomami realmente morrerem.

Vivax

nat^{h}e wai hãt^{h}ohoowi
cujo poder é menos perigoso e

yanomae t^{h}ë pë huramomãi xi wariowi
faz os Yanomami terem crises repetidas de malária.

wii naha hura yama nat^{h}e pë taarepë t^{h}a
Como vemos os ovos da malária ?

ai yama ki huramou tëhë
Quando um de nós apresenta os sintomas da malária,

yama t^{h}ë nahasi iyë ha teni
depois de pegar sangue do dedo dele,

hura yama nat^{h}e pë hëtëi
procuramos os ovos da malária.

yama t^{h}ë hurapë mi taai pihio tëhë
Quando queremos ver se uma pessoa tem malária,
apesar de não ter sintomas,

yama t^{h}ë nahasi pree tikiai
também furamos o dedo dela.

iyë ha teni
Depois de furar o dedo e

laminaha **iyë ha poyomakini**
de pingar uma gota de sangue numa lâmina,

microscópioha **tʰë taai xoao**
ficamos olhando esta gota no microscópio.

hura yama natʰe pë në miri tëhë
Quando reconhecemos os ovos da malária,

hura a wai yai kua.
é que existe mesmo a doença.

yama ki huramou tëhë wii naha yama tʰapë tʰa ?
Quando estamos com malária, o que fazer ?

microscópio**ha hura yama natʰe pë në miri tëhë**
Quando reconhecemos no microscópio os ovos da malária,

rope hura yama kiki hikai
nós tomamos logo os comprimidos contra malária.

hemeyo yama kiki yai hikai xaariru tëhë
Somente tomando o remédio direito,

yama ki xiro harorayu
é que vamos nos curar.

Tomando remédio

hura nat^{h}e pë komi nomãi mão tëhë
Se todos os ovos da malária não morreram e

hemeyo yama kiki hikai tiraki tëhë
nós paramos de tomar o remédio,

hura a wai maproimi
a doença não vai acabar,

yama ki rope hurapë xurukoa kõrayu
ela volta rapidamente a nos atacar .

Roça

napë pë mão tëhë
Quando não havia brancos,

pata tʰë pëni urihitʰeri hura si pëni tʰë pë hwërimamoma
os nossos antepassados curavam-se da malária com cascas da floresta.

pata tʰë pë hurapë hwërimamowi tʰë kini
Esses remédios contra malária que usavam os nossos antepassados,

yama ki pree hwërimamou xoao
continuamos também a usar para nos curar,

yama tʰë ki pihipou xoa
ainda os guardamos em nosso pensamento.

wii naha yama ki kuaapë tʰa yama ki huramou mãopë
O que devemos fazer para não pegar malária ?

tʰë pë huramou xi wari tëhë
Quando as pessoas ficam com malária sem parar,

yama ki yano pë piimamou
nós borrifamos nossas malocas

riõ pë nomapë
para que os mosquitos morram e que, assim,

hura natʰe pë wei pihi kaẽ yama ki hitoxai mãopë
eles não nos inoculem ovos da malária.

karipero pë kuopëha hura a wai pàta kua yaro
Lá onde tem garimpeiros existe muita malária perigosa, por isso

yama tʰë pë yaxumãɨ pihi
nós queremos que sejam mandados embora de volta

kama napë pëha
para onde moram os (outros) brancos.

karipero pë kiapëha yama kɨ huu tëhë
Quando vamos até lá onde os garimpeiros estão trabalhando,

yama kɨ ĩrao si ihehe
nós ficamos contaminados facilmente.

kua yaro yama kɨ mõyamɨo tëhë
Por isso, quando somos espertos,

yama kɨ huimi
não vamos até lá.

ai tʰë pë yano pë hurapëopëhami
Até às malocas de outros que estão com malária,

yama ki pree huimi
também não vamos

yama ki ĩrao mãopë
para não ser contaminados.

tʰë pë temi nëhë mão tëhë
Quando todos eles voltam a ficar bons

yama ki xiro hwama huu kõ
somente então podemos voltar a visitá-los

Notas:

1. Formas jovens de plasmódium.

3

huxu a wai tʰë ã oni

Palavras escritas sobre o mal da gripe

Gripe

yama ki huxupëo tëhë wii naha yama ki kuaai tʰa
O que sentimos quando começamos a ficar doentes de gripe ?

yama ki huxumohuru tëhë
Quando ficamos com gripe,

yama ki hapa etisiamou xi wariprou
começamos a espirrar sem parar.

yama ki huxupë eharaxi hwai
O nariz fica escorrendo com uma coriza clara.

yama ki mamo ki wakërario
Os olhos ficam avermelhados.

yama ki kaẽ akataki ninirayu
A garganta também dói.

yama ki yopirayu
Ficamos com febre.

yama ki si saihirạyu
Temos sensação de frio.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

yama ki ũũxi nini wakiki
Sentimos dores musculares pelo corpo todo.

yama ki heki ninirayu
Temos dor de cabeça.

porokatae tʰë titi kuprou tëhë
Depois de uns dois dias

yama ki huka komirario
ficamos com o nariz entupido.

yama ki ã hwai përaraprario
Falamos com uma voz rouca.

yama ki pariki huxirayu
O peito fica inflamado e

yama ki pariki waximirayu
sentimos fraqueza.

wii naha huxuni yama ki toaiha a wai kuaai tʰa
Como é o mal da gripe que nos pega ?

cidade**ha napë pëni huxupë mahi kua yaro**
Na cidade os brancos têm muitas gripes, por isso,

cidade **harani huxu a wai ĩraĩramou kuaimãiwi**
a epidemia de gripe vem desde a cidade, passando de um para o outro,

yanomae tʰë pëha a kopiyu
até atingir os Yanomami.

napë pëni huxu a kaẽ wai kõ tëhë
Quando os brancos chegam com gripe,

yama ki ĩrao
nós ficamos contaminados.

yanomae tʰë pë hwamani huxu a kaẽ wai waroo tëhë
Quando chega um visitante yanomami com gripe,

yama ki pree ĩrao
também ficamos contaminados.

tʰë pë huxupëo tëhë
Quando as pessoas estão com gripe,

konohori u pëha yai tʰë pë wei titia
têm na sua saliva pequenos seres invisíveis[1] que

napë metiko pëni vírus **pë ã ha hiraihe**
os médicos dos brancos chamam de vírus.

ai tʰë huxupëo tëhë
Quando uma pessoa com gripe,

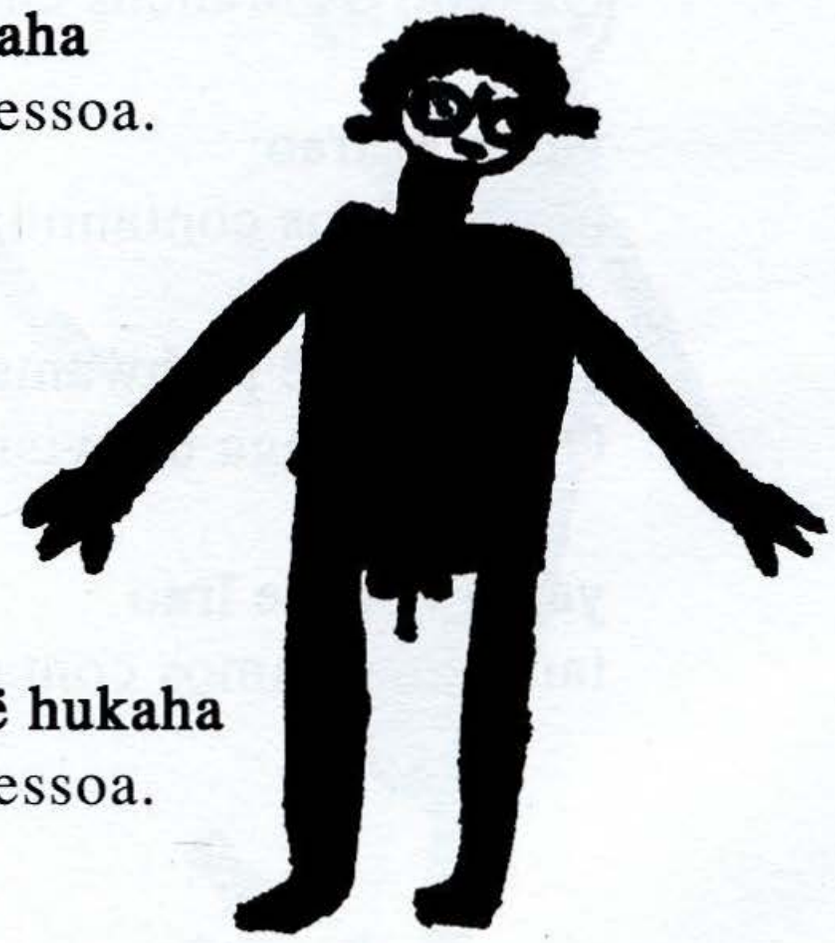
ahete harani tʰë etisiamorayu tëhë
espirra perto de outra pessoa,

yai tʰë pë wei titipraki ai tʰë kahikiha ai tʰë hukaha
os vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.

ai tʰë huxupëo tëhë
Quando uma pessoa com gripe,

ahete harani tʰë tʰokomorayu tëhë
tosse perto de outra pessoa,

yai tʰë pë wei pree titipraki ai tʰë kahikiha ai tʰë hukaha
os vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.



ai tʰë huxupëo tëhë
Quando uma pessoa com gripe,

ahete harani tʰë ã hwai tëhë
fala perto de outra pessoa,

yai tʰë pë wei pree titipraki ai tʰë kahikiha ai tʰë hukaha
os vírus entram pela boca e nariz dessa outra pessoa.

kua yaro mõri tʰë huxupë ha ĩraikini
Por isso, quando uma pessoa se contamina com gripe,

a wai rope praukua xoarayu
rapidamente a doença se propaga para muita gente.

Gripe

yama kɨ huxupëo tëhë witi pei tʰë pëni yama kɨ hwërɨmamopë tʰa
Quando estamos com gripe,
o que fazer para nos curar ?

hemeyo pëni huxu a wai mapramaimi
Os remédios dos brancos não matam a gripe.

kanasi hwërimãi pio
só curam os lugares que ela "comeu".

vírus **napë pëni tʰë pë ã ha ka hiraiwihi**
Os seres que os brancos chaman de vírus,

kama pë nomaa përayu
acabam morrendo sozinhos.

yama ki yai harou pihio tëhë
Quando realmente queremos sarar,

puu pëxë limão **xuuxë yama uku koai**
bebemos uma mistura de mel com suco de limão,

yama ki waximi horou
descansamos, e

hemeyo yama kiki ha tuharini
depois de tomarmos comprimidos,

hemeyo yama uku ha koarini
(ou) depois de tomarmos remédios líquidos,

yama ki saiprou
ficamos livres da febre e

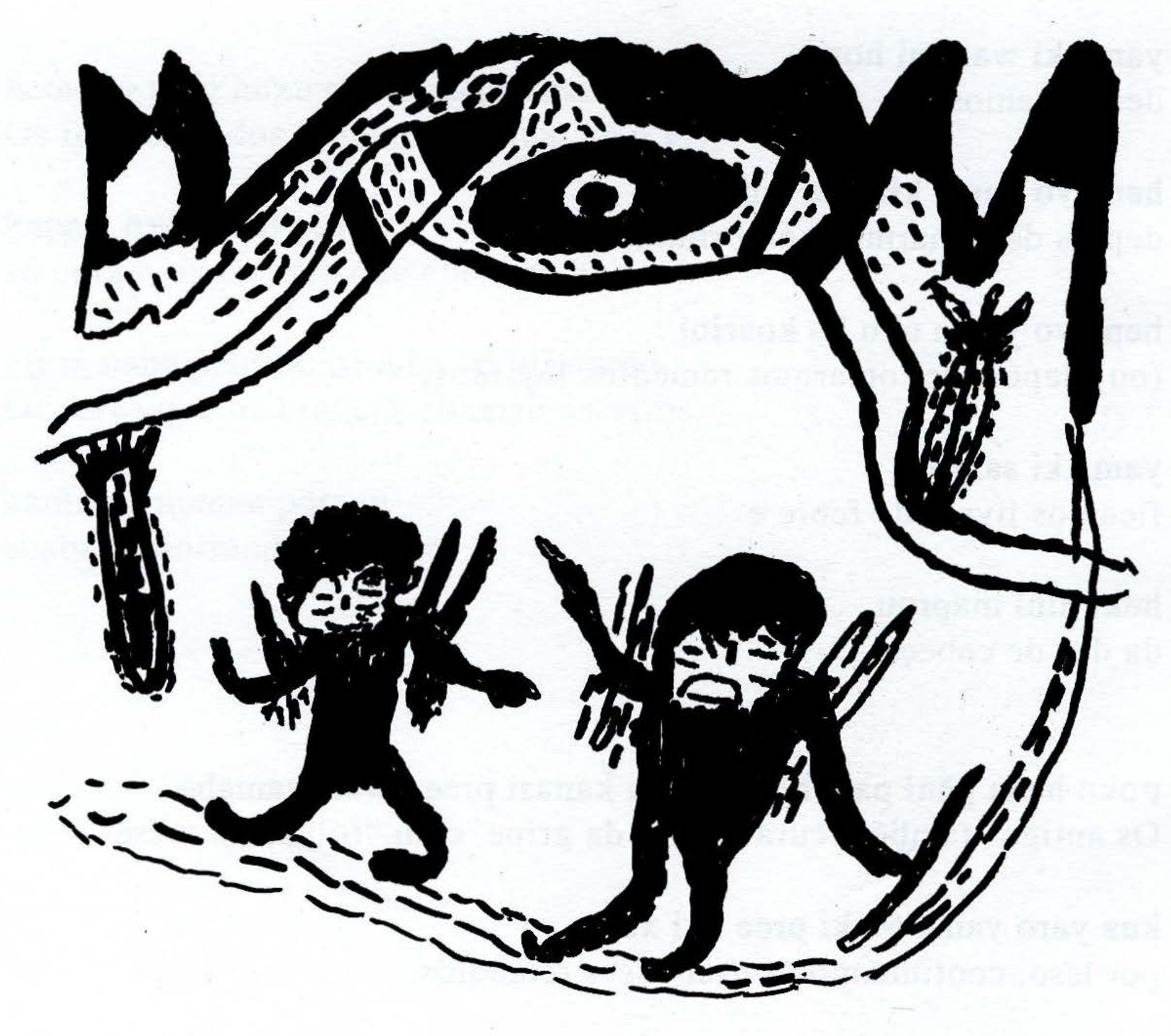
heki nini maprou
da dor de cabeça.

tʰoko hana pëni pata tʰë pë huxu kanasi pree hwërimamahe
Os antigos também curavam-se da gripe com "folhas da tosse",

kua yaro yama tʰë ki pree tʰai xoa
por isso, continuamos a usar esses remédios.

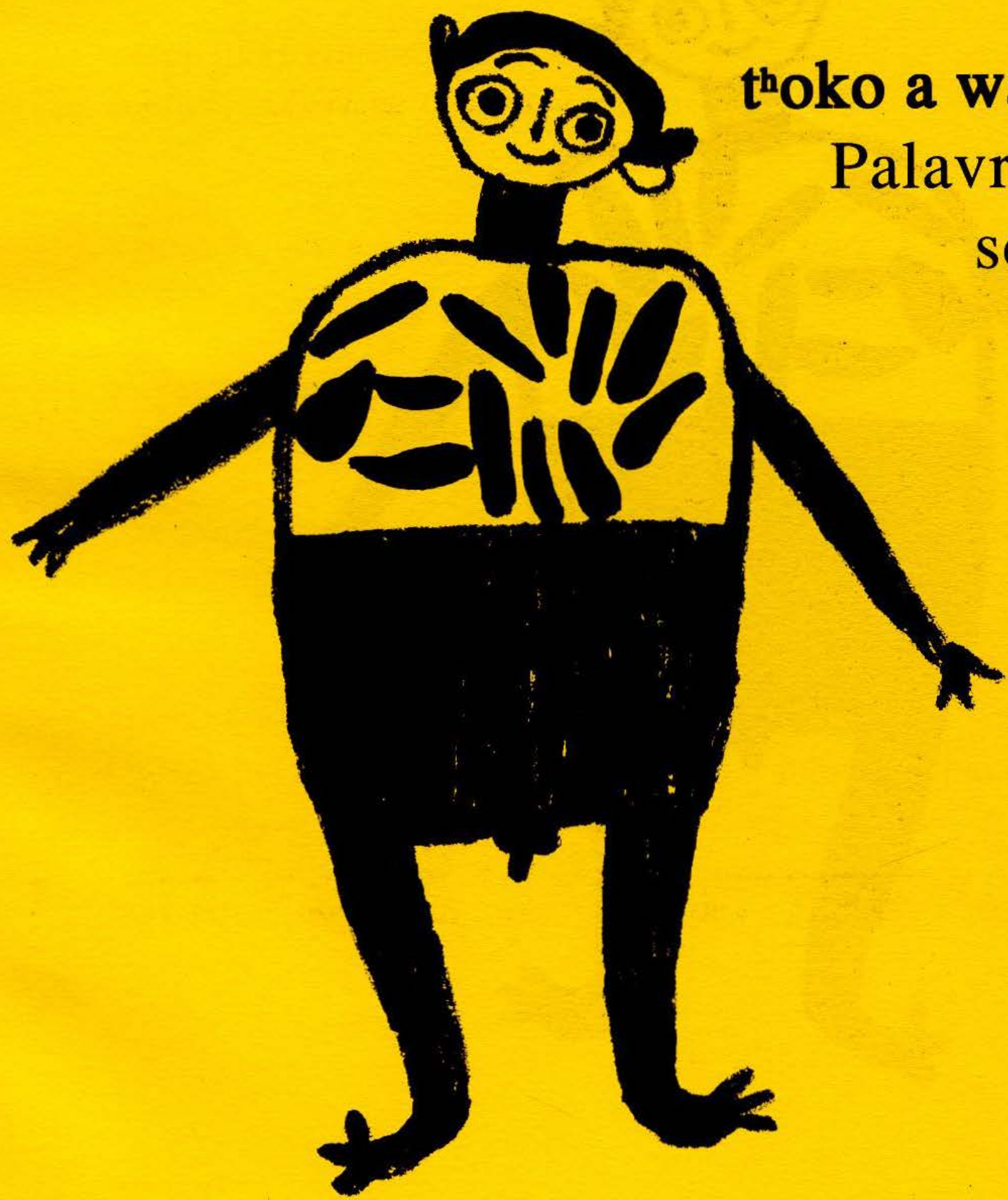
Notas:

1. *yai tʰë* designa um ser sem nome, desconhecido, imprestável, perigoso, ou um ser invisível, sobrenatural.



Espíritos xamânicos

4



tʰoko a wai tʰë ã oni

Palavras escritas
sobre o mal
da tosse[1]

Pneumonia

napë pëni huxupëo xoaoma yaro
Há muito tempo que os brancos têm gripe, por isso,

ĩhĩ tʰë wai tai hikio yarohe
conhecem bem essa doença e

tʰë pë ũũxi kohipë
o interior de seus corpos ficou resistente.

yanomae yama kini yama thë wai taimi yaro
Nós Yanomami não conhecemos esta doença, por isso,

ai yama ki wixia mi
alguns de nós não têm (bastante) sopro vital (para resistir).

oxe tʰëpë warõ pata tʰë pë tʰuë pata tʰë pë wixia onihi
As crianças, os homens e as mulheres velhas têm o sopro vital curto (demais).

ai tʰë pë uutitiowi wixia pree mi
Outras pessoas enfraquecidas também não têm (bastante) sopro vital

kua yaro tʰë pë mahitu xoao
por isso, elas podem piorar da gripe.

tʰë pë mahitu tëhë wii naha tʰë pë kuaai tʰa
O que sentem as pessoas quando pioram da gripe ?

tʰë pë wixia mão tëhë
Quando as pessoas não têm (bastante) sopro vital,

huxu a wai maimi
o mal da gripe não acaba.

huxu kanasiha ai yai tʰë pë wei kea nomihiki
Nos lugares "comidos" pela gripe, chegam outros pequenos seres invisíveis.[2]

napë metiko pëni ĩhĩ bactérias **tʰë pë ã ha hiraihe**
Os médicos dos brancos os chamam de bactérias.

ĩhĩ tʰë pë wei iai nomihiopëha
Nos lugares onde, por sua vez, estes seres "comem",

nionio u pë yëtëkërayu
se forma pus.

ĩhĩ tëhë u pë ono huxi
Então, o lugar fica inflamado,

u pë ono xuë
inchado e

u pë ono nini
dolorido.

Pneumonia

uremeha ĩhĩ tʰë pë wei iai tëhë
Quando estes seres ficam "comendo" a garganta,

yama ki ureme wai
sentimos dor com sensação de mordida.[3]

wamotima tʰë pë tuhapraimi
Não conseguimos engolir comida.

mamo kiha ĩhĩ tʰë pë wei iai tëhë
Quando estes seres ficam "comendo" os olhos,

yama ki mamo ki waipëi
temos os olhos infectados.

yama ki mamo ki komi
temos os olhos fechados,

yama ki mamo ki kreaasipë
e colados com secreções.[4]

yëmaka kiha ĩhĩ tʰë pë wei iai tëhë
Quando estes seres ficam "comendo" os ouvidos,

yama ki yëmaka ki ũũxi wai
sentimos dor no fundo dos ouvidos, com sensação de mordida.

yama ki yëmaka ki komi
Temos o ouvido tampado.

yama ki yëmaka ki ũũxi xuë
com o interior inchado.[5]

tʰoropë oraha ĩhĩ tʰë pë wei iai tëhë
Quando estes seres ficam "comendo" os brônquios,

yama ki tʰokomou xi wari
nós passamos a tossir sem parar.

yama ki tʰoko pë axi hoamou
Nós expectoramos catarro amarelo.[6]

yai tʰë pë wei iai taroraehuru tëhë
Quando estes seres descem mais o caminho dos brônquios,

here ki yai nioupëprario
os pulmões ficam realmente cheios de pus.

here ki nioupëprario tëhë
Quando os pulmões ficam cheios de pus,

pneumonia **napë pëni pë ã ha hiraihe**
os médicos dos brancos chamam isso de pneumonia.

yama ki here ki yai nioupëprario tëhë wii naha
yama ki kuaai tʰa
Quando temos os pulmões cheios de pus,
como nos sentimos ?

yama ki wakë tuki
Temos febre muito alta.

yama ki tʰokomou xi wari
Tossimos sem parar

yama ki wixia yawëyawëmou
Ficamos com dificuldades para respirar

yama ki pariki rakaimi hũrekehũrekemou
Sentimos dores em pontada no peito

yama ki tʰoko pë axi hoamou
Expectoramos catarro com pus.

yama ki tʰoko pë iyë hoamou
Expectoramos catarro com sangue.

yama ki pariki xeerexeeremou
O nosso peito fica com chiado.

yama ki porepë piria
Ficamos caídos na rede.

yama ki upraproimi u ki porepërario
Não conseguimos andar, as pernas ficam enfraquecidas.

wii naha tʰoko yama a në yai wai mirepë tʰa
Como sabemos com certeza se é pneumonia ?

tʰoko pë axi hoai tëhë
Quando se expectora catarro amarelo (purulento)

ĩhĩ tʰoko a yai wai ixou
é porque a tosse perigosa mesmo atacou,

tʰë pë nomamãiwi
aquela que mata as pessoas.

estetoscópio**ni pariki a ũũxi hiri tëhë**
Quando se escuta o interior do peito com estetoscópio,

tʰë ã homohãi waoto / tʰë ã tihitihimou waoto
ouve-se nitidamente um barulho de bolhas estourando.

ĩhĩ tëhë pihi xaariprari
Nesse caso, pensamos direito:

awe tʰoko a yai wai kuonoa
sim, era mesmo a tosse perigosa (pneumonia),

tʰë pë nomamãiwi
aquela que mata as pessoas.

tʰoko a yai wai kua yaro witi pei tʰëni yama ki haropë tʰa
Tendo mesmo pneumonia, com que vamos nos curar ?

tʰoko a wai yai në miri tëhë
Quando se reconhece realmente a pneumonia,

rope hemeyo yama kiki hikai
nós tomamos logo os remédios (comprimidos).

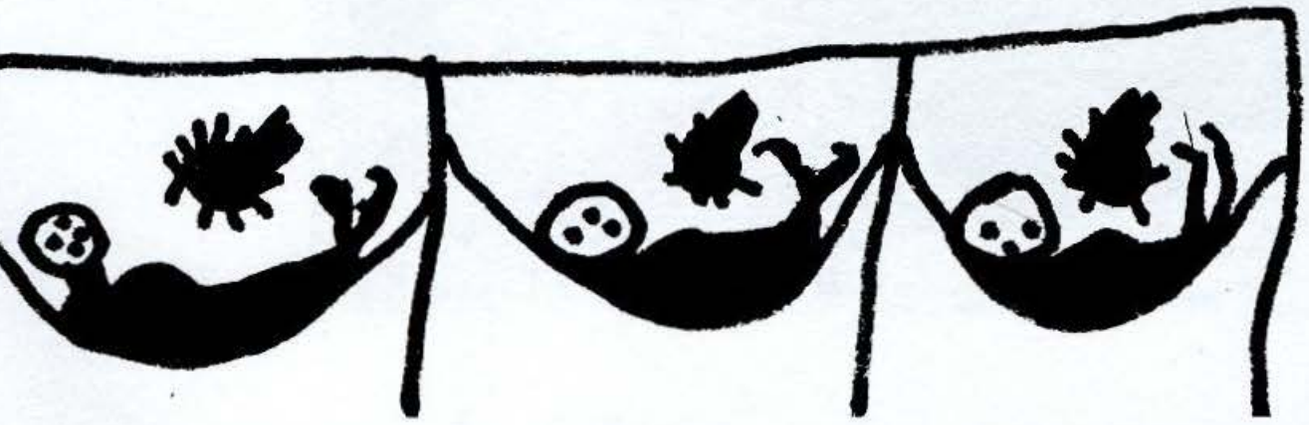
oxe tʰë pë kuo tëhë
Quando se trata de crianças pequenas,

hemeyo yama u pë koamãi
fazemos elas tomarem o remédio líquido.

hemeyo yama kiki (u pë) tuhaprai mão tëhë
Quando não conseguimos engolir os comprimidos (o líquido),

yama ki tuhrai tëhë
ou quando vomitamos,

yama ki xiro tikiamorayu
só então tomamos injeção.

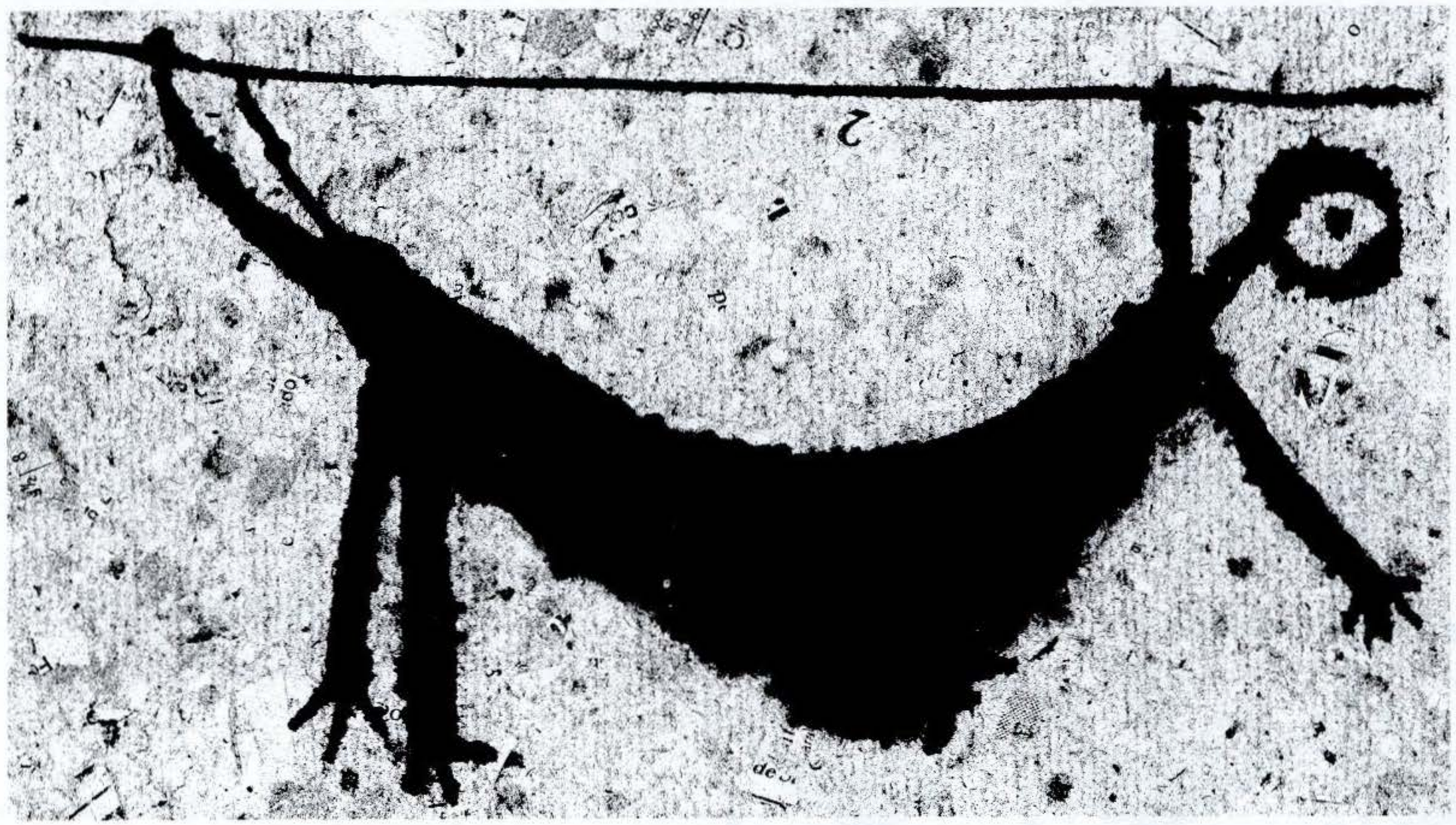


hemeyo yama kiki yai tuhai xaariru tëhë
Quando tomamos os comprimidos direito,

hemeyo yama u pë yai koai xaariru tëhë
quando tomamos o remédio líquido direito

yama ki tikiamoa xaarirayu tëhë
quando tomamos injeção direito,

yama ki xiro uëhëprou
então vamos ficar bons.



yai tʰë pë wei bactérias **napë pëni pë ã ha ka hiraiwihi**
Enquanto aqueles pequenos seres que os brancos
chamam de bactérias

komi nomãi mão tëhë
não morrerem todos,

yama ki haroimi
não saramos.

kua yaro hemeyo yama kiki (u pë) tirai haioimi
Por isso, não paramos de tomar os comprimidos
(líquido) com pressa.

yai ha harorini yama kiki (upë) xiro tiraki
Somente se ficarmos bons mesmo é que paramos de tomar.

kua yaro yama ki pree tikiamou xoa
Por isso, continuamos também a tomar injeções.

yai ha harorini yama ki xiro tikiamou maprario
Paramos somente quando estivermos verdadeiramente curados.

Notas:

1. Complicações da gripe (pneumonia)

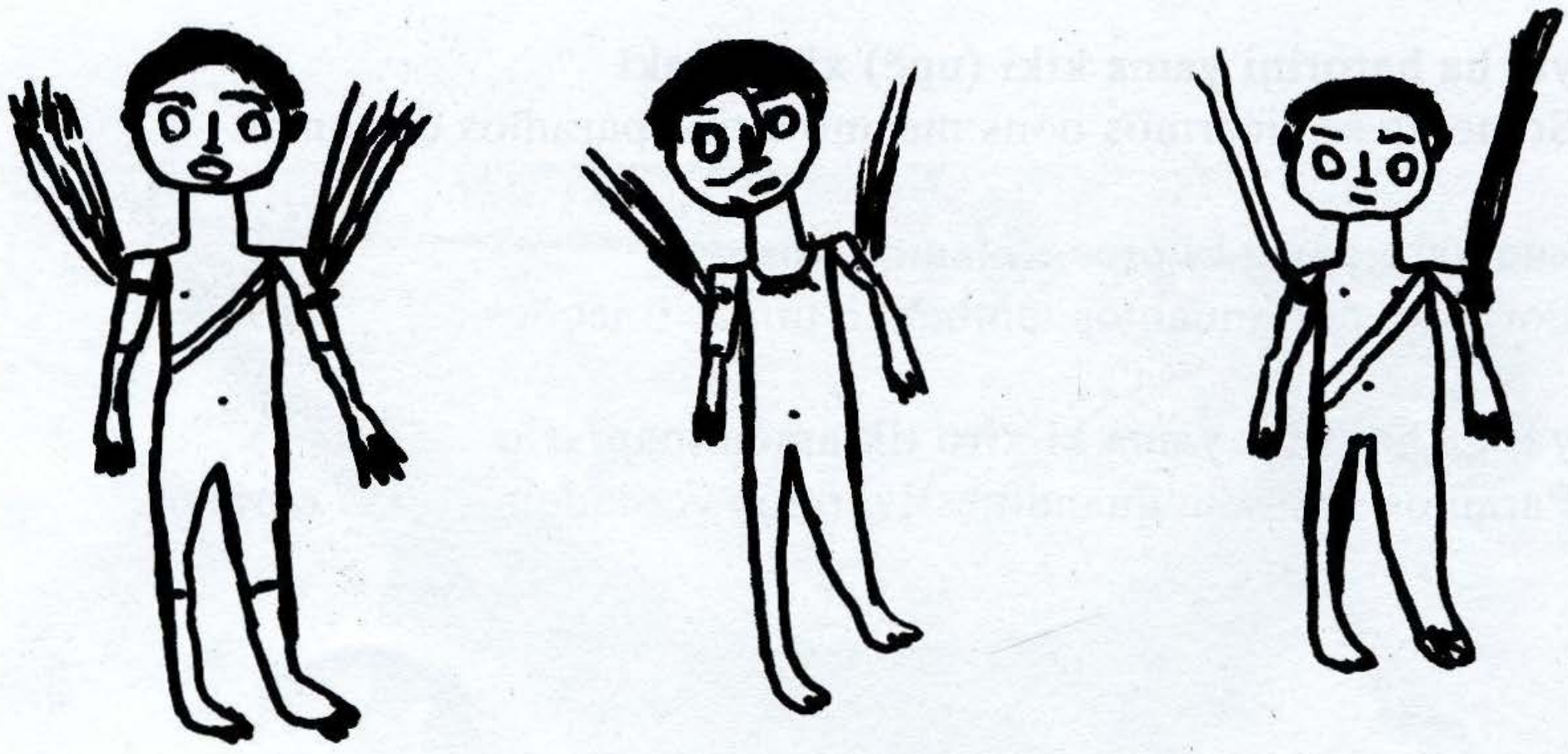
2. *yai tʰë* designa um ser sem nome, desconhecido, imprestável, perigoso, ou um ser invisível, sobrenatural.

3. Faringite

4. Conjuntivite

5. Otite.

6. Bronquite.



Espíritos xamânicos

5

na kɨ kamakaripëowi tʰë ã oni

Palavras escritas sobre as dores de dentes[1]

Escovando os dentes

wii naha kamakari pëni wamare ki na ki wai praukurayoma tʰa
Por quê as nossas dores de dentes aumentaram tanto ?

hapa pata tʰë pëni urihitʰeri tʰë pë tute xiro wama yarohe
No começo nossos antepassados só comiam coisas
novas do mato, por isso,

tʰë pë na ki kohipëoma
os seus dentes eram resistentes.

Omamari a në kamakari pëni tʰë pë na ki xiro waaprama waarapraha
Só os espíritos Kamakari de Omamari[2] comiam
os dentes de uns ou outros.

hwei tëhë oxe yama ki raruhëaiwini
Hoje, nós que crescemos depois dos antigos,

napë yama pë wamotima pë riai yaro
começamos a comer comidas de
fora, por isso,

yama ki na ki hoximaa imatayu
os nossos dentes estão se deteriorando.

napë pë wamotima pëha yai tʰë pë pihi kaẽ titia yaro
Nas comidas dos brancos são misturadas coisas ruins e, por isso,

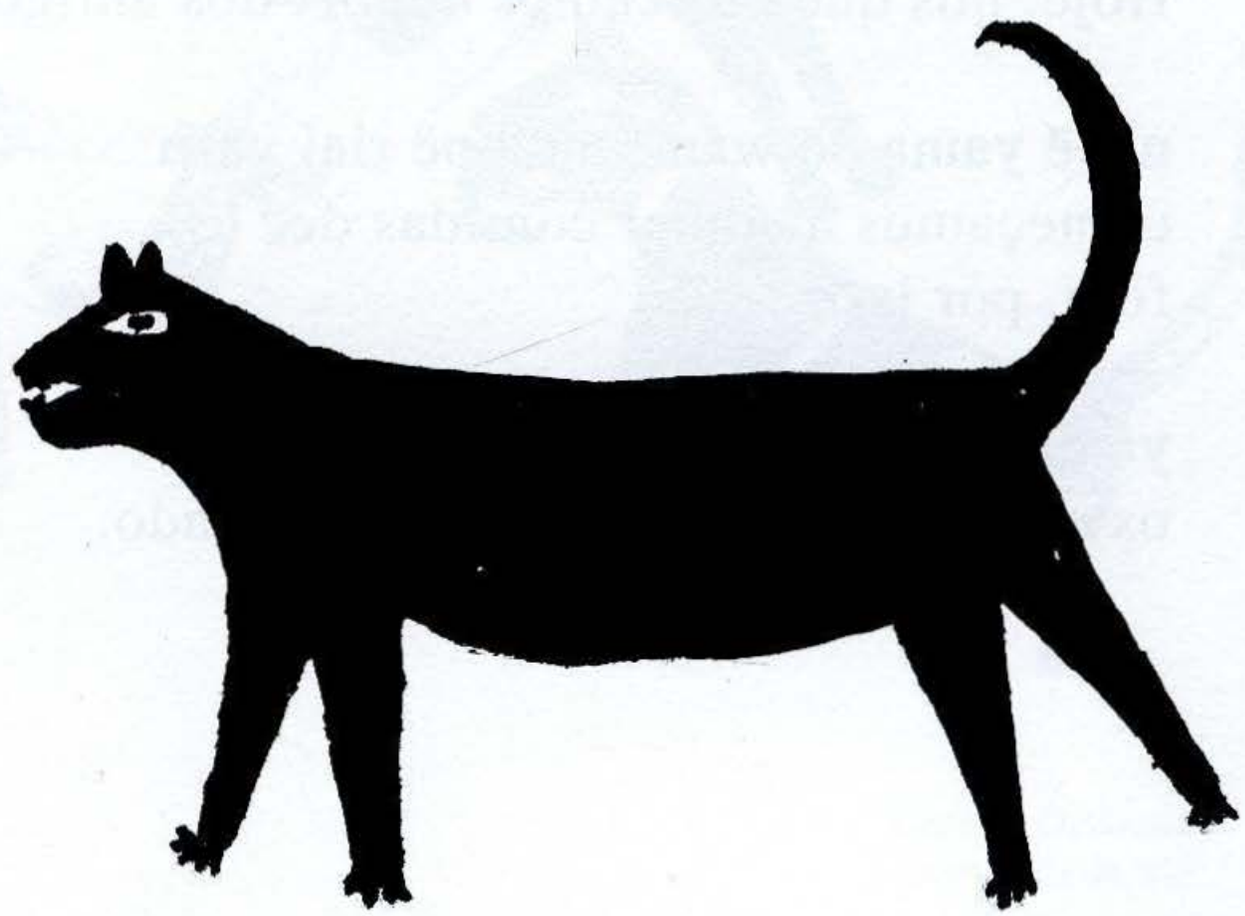
yama tʰë pë wai tëhë
quando as comemos,

yama ki na ki pëka hikatoha riihi pë keteti (naxi) hateteki
restos dessa comida açucarada (salgada) ficam presos
entre os nossos dentes.

ĩhĩ riihi pë ha hateteoni
Quando estes restos de comida ficam presos entre nossos dentes,

na ki aumamou mão tëhë
e que não os escovamos,

napë pë wamotima pë wai keo
aí o mal da comida dos brancos ataca (os nossos dentes).



Cão de Omamari
(espírito Kamakari)

oxe tʰë pë na kiha napë wamotima e tʰë pë wai mahi yaro
As comidas dos brancos são muito perigosas para os dentes das crianças, por isso,

kamakari pëni oxe tʰë pë na ki hriki witirari
os espíritos Kamakari comem os seus dentes pelo meio.

tʰë pë na ki matʰarario
Ficam apenas os tocos dos dentes.

oxe tʰë pë na ki hapa hwarayuwi na ki tarea ha paririni
Depois que os primeiros dentes das crianças já apodreceram,

ai tukurima na ki hwaa kõrayuwi na ki tarea kõrayu
quando nascem os novos dentes eles apodrecem também.

ĩhĩ tëhë ai na ki hwataai kõimi
Então, não nascem outros dentes.

na ki hetʰo marokoxia xoaprario
Fica para sempre a boca sem dentes.

napë pë prahao tëhë kami yama ki pataiwi
Nós que ficamos adultos quando os brancos ainda estavam longe,

yama ki na ki kohipë hãtʰoho
temos os dentes mais ou menos resistentes.

oxe tʰë pë napë pë kuopëha tʰë pë keama yarohe
As crianças nasceram perto dos brancos e, por isso,

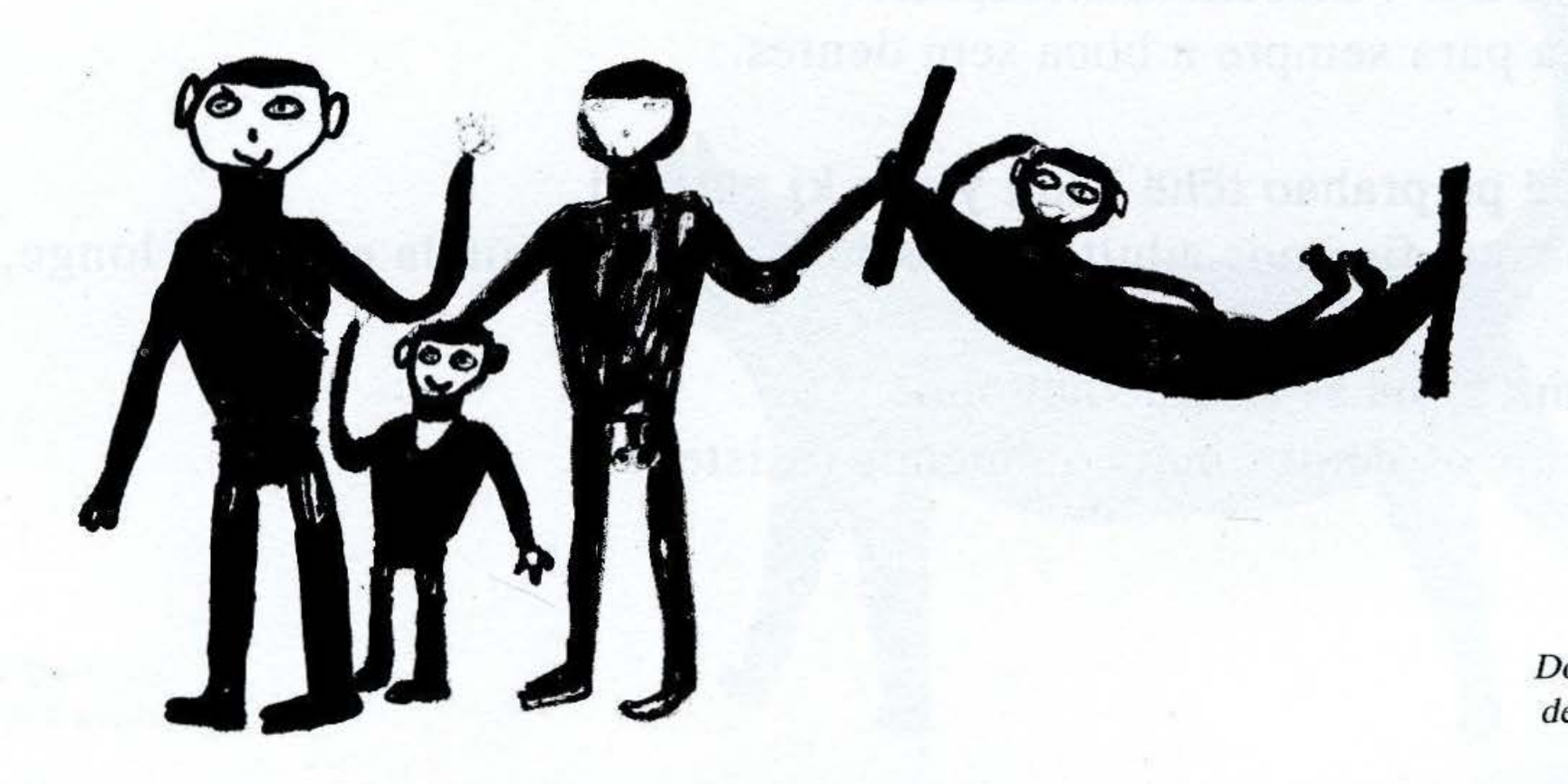
tʰë pë na ki ëpëhë
têm os dentes pouco resistentes.

nĩĩ e tʰë pë kamakaripëo tëhë
Quando as mães têm cáries,

hwĩĩ e tʰë pë kamakaripëo tëhë
quando os pais têm cáries,

ihuru pë eni tʰë pë kanasi wai tëhë
e que seus filhos comem a sua comida,

kamakari a pree ĩrao
as cáries passam também para eles.



Dor de dentes

yama kɨ kamakaripëo tëhë wɨɨ naha yama kɨ kuaaɨ tʰa
Como ficamos quando os nossos dentes
estão com cáries ?

na kɨ aumamou mão tëhë
Quando não se limpam os dentes,

na kɨ siposiha kamakari a hapa keo
o espírito Kamakari ataca primeiro o esmalte.

a ha keikɨnɨ na kɨ ũũxi mɨamoha a iaɨ taroraehuru
Depois disso, ele vai cavando fundo até a dentina.

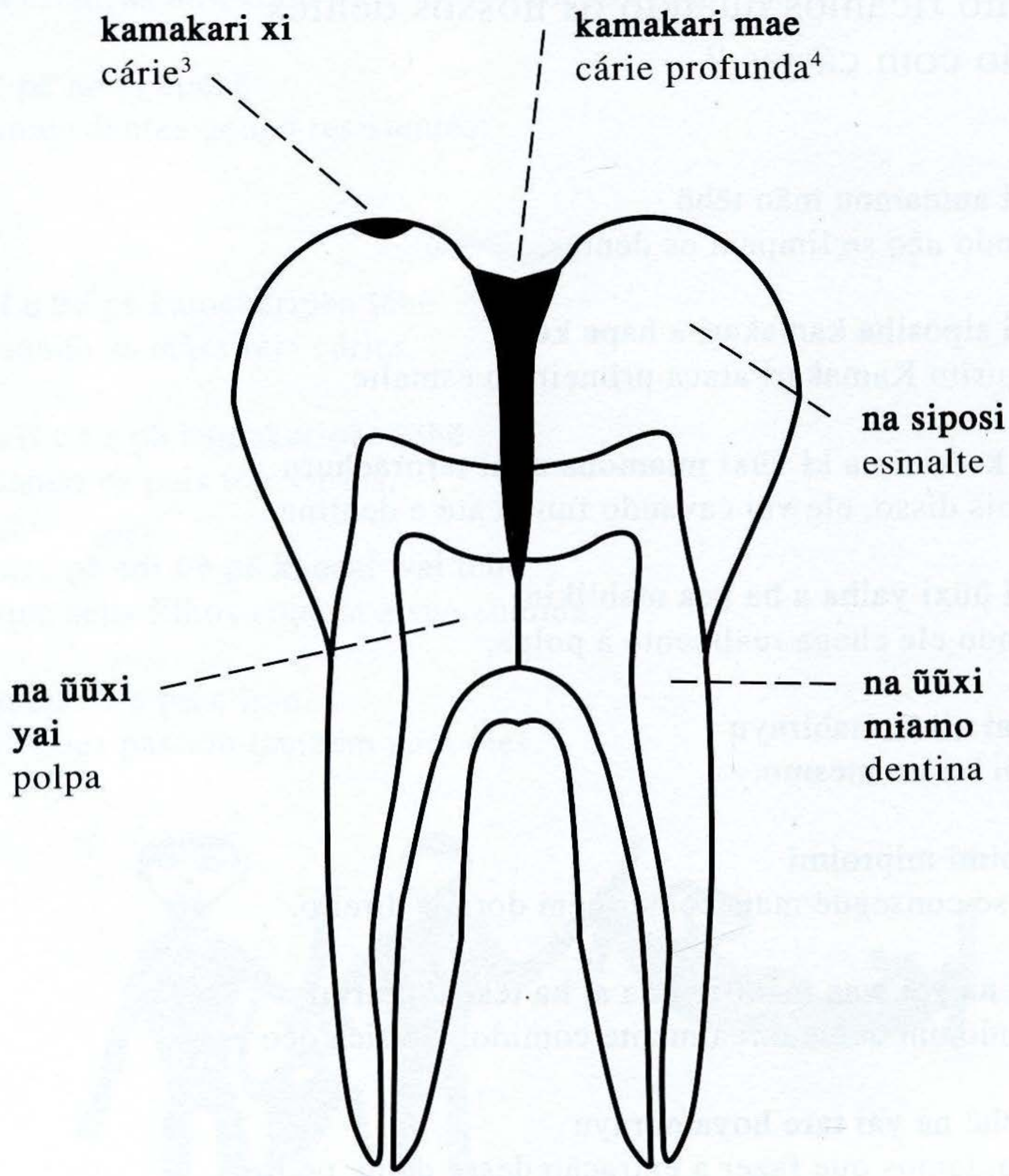
na kɨ ũũxi yaiha a ha kea mahiikɨnɨ
Quando ele chega realmente à polpa,

tʰë yai ninia mahirayu
aí dói muito mesmo.

iaproimi miproimi
Não se consegue mais comer nem dormir direito.

mõri na yai waa mahiriwi na si ha tëkëkëprarɨnɨ
Quando um dente é realmente comido, ele fica oco e,

ĩhĩ tëhë na yai tare hoyamorayu
então, temos que fazer a extração desse dente podre.


kamakari xi
cárie[3]
kamakari mae
cárie profunda[4]
na siposi
esmalte
na ũũxi
yai
polpa
na ũũxi
miamo
dentina

wii naha kamakari pë ĩrao mãopë yama ki kuaapë tʰa
O que fazer para não pegar cáries ?

kami yama kini kamakari yama pë praukamãi pihio mão tëhë
Se não quisermos propagar ainda mais os espíritos Kamakari (aumentar as cáries),

napë yama pë wamotima tʰë pë keteti (naxi) waroho waimi
não devemos comer muitas comidas açucaradas (salgadas) dos brancos.

mõri yama tʰë pë wai pihio tëhë
Se quisermos comer um pouco dessas comidas,

yama tʰë pë wai ha huraproni
quando acabarmos de comê-las,

yama ki na ki aupramou xoao
logo depois, devemos limpar os dentes.

oxe tʰë pëha napë yama pë wamotima pë wamaimi mahio
Não devemos absolutamente dar comidas dos brancos para as crianças.

yama ki iai ha huraproni
Quando acabamos de comer,

yama ki na ki aupramou escova **kikini**
limpamos os dentes com escova.

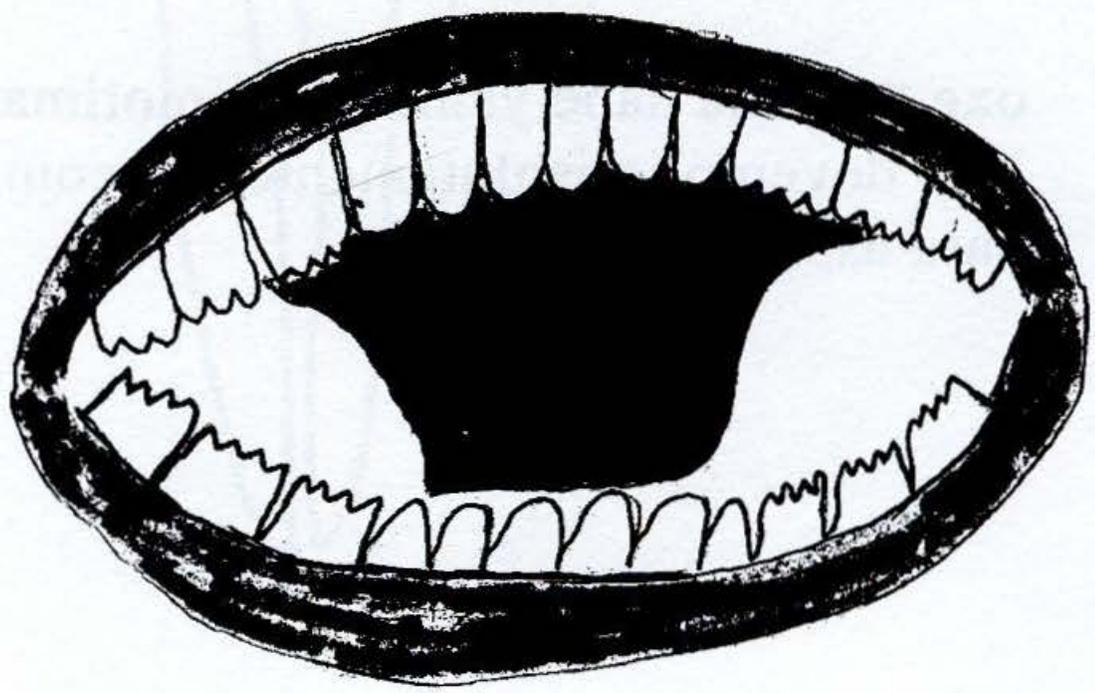
escova **kiki mão tëhë**
Quando não temos escova,

huu tihi mamakaxini rii yama hi pë hixaprai
tiramos os restos de comida dos dentes com um pedacinho de pau.

rii hi pë ha hixararini
depois de palitar os dentes,

mãu u pëni yama ki kahiki roukoa xoapramorayu
limpamos a boca bochechando com água,

pee yama nahe pë karepou tëhë kamakari pë pree keoimi
Quando temos tabaco embaixo do
lábio também evitamos
que os espíritos Kamakari
ataquem os dentes,



Bocas

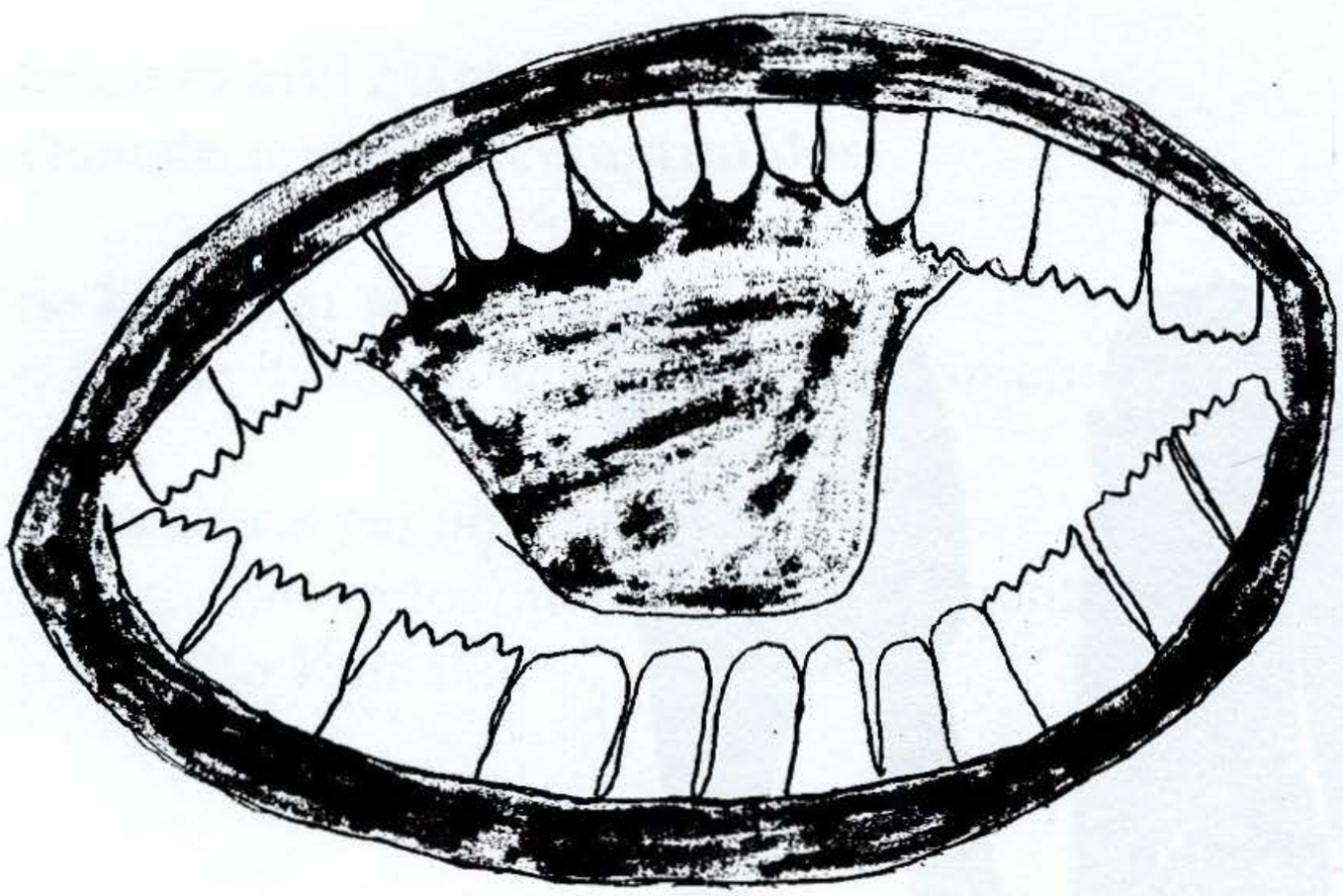
oxe tʰë pë na ki ëpëhë mahi xoa yaro
Os dentes das crianças são ainda muito frágeis, por isso,

kamakari a tokumãi pihio tëhë
quando queremos afugentar deles o espírito Kamakari,

hemeyo u pëni yama tʰë pë na ki riëi
esfregamos neles um remédio líquido.

ĩhĩ hemeyo u pë ka kii
O remédio líquido em questão,

napë pëni flúor **u pë ã ha hiraihe**
os brancos chamam de flúor.



nĩĩ yama e kini oxe yama tʰë pë na ki taai
Nós, mães, ficamos de olho nos dentes das crianças.

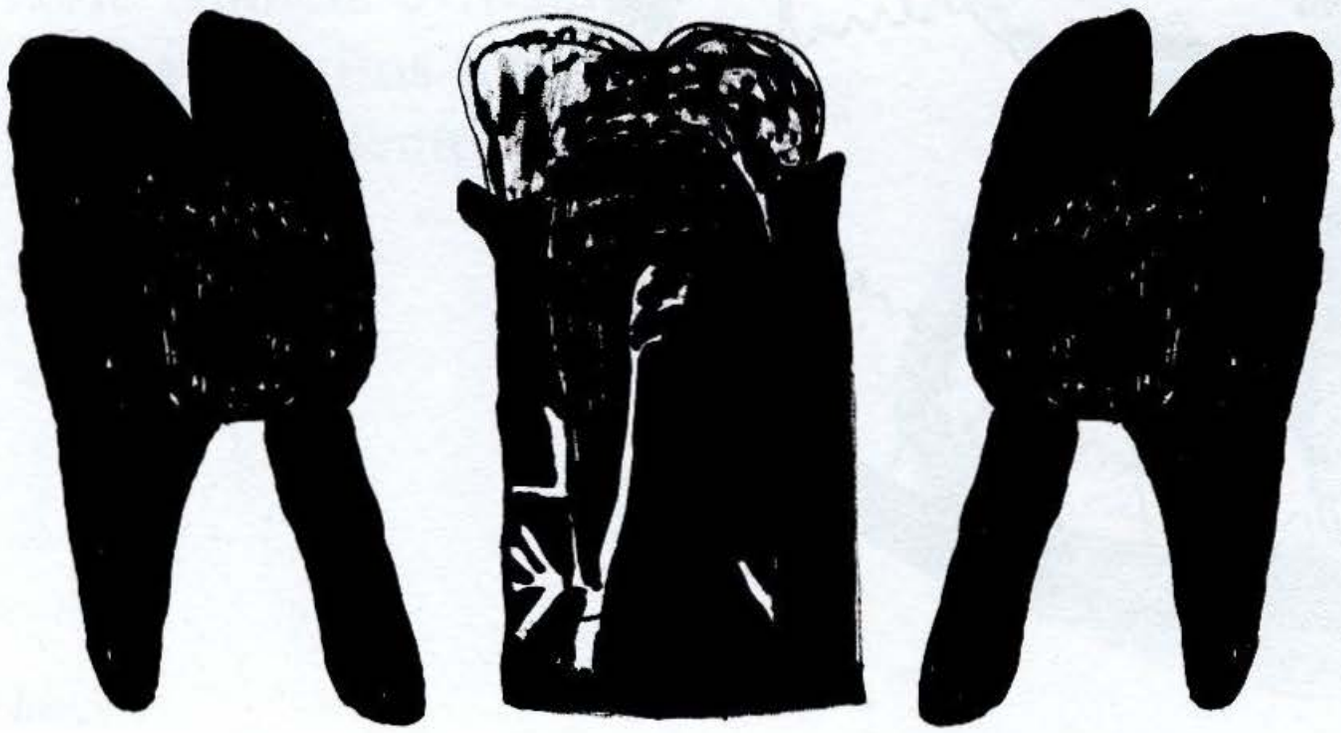
na ki pëka horara taari tëhë
Quando vemos um buraco se formando nos dentes,

enfermeiro **eha yama tʰë pë na ki totopou**
mostramos os dentes das crianças para o enfermeiro

tʰë pë na ki hwërimapë
para que ele trate esses dentes

na ki auprapë
e os limpe.

nĩĩ yama e kini yama ki ihuru pë na ki aumamomãi pihi
Nós, mães, mandamos as crianças limparem os dentes.



Dentes

witi pei tʰëni yama ki na ki nini hwërimamopë tʰa
Como curar nossas dores de dente ?

pata tʰë pë na ki ninio tëhë amatʰa pë tʰaamahe
Quando os nossos antepassados sentiam dor de dente
eles usavam (raízes de) amatʰa.

kamakari hi si pëni tʰë pë na ki pree hwërimamoma
Eles usavam também cascas de árvores kamakari para
curar a sua dor de dente.

kua yaro inaha yama ki na ki tʰamou xoa
Por isso, nós continuamos fazendo a mesma coisa
com os nossos dentes.

hemeyo kiki hikaki tëhë
Quando tomamos comprimidos,

na ki nini si waiwaimou pio
a dor de dente só acaba temporariamente.

kamakari a yai nomamaimi
(Os comprimidos) não matam realmente
o espírito Kamakari.

dentista**ni kamakari xi pë ha hikekerarini**
Depois que o dentista raspa as cáries,[5]

na ki pëka ha yaruprarini
e limpa o buraco dos dentes,

na ki pëka hehua xoaki
por fim, ele tapa esses buracos.

ĩhĩ tëhë kamakari a xiro iai si waiki
Só então o espírito Kamakari pára de comer (os dentes).

na ki yai tareo tëhë
Somente quando os dentes estão realmente podres,

yama ki na ki xiro ukipramorayu
é que os arrancamos.

kua yaro dentista **a kõõ tëhë**
Por isso, quando chega um dentista,

pree yama ki na ki totoamou
todos nós devemos lhe mostrar os dentes.

inaha yama ki na ki xiro tʰamou tëhë
Somente se fizermos tudo isso,

yama ki na ki niniaimi
não teremos dor de dente.

kami yama ki na kiha yama ki pihi mõyamia nëhë maki
Nós devemos todos ficar espertos com nossos dentes

yama ki na ki hetʰo marokoxio tëhë
Quando não temos mais dentes na boca,

tʰoo yama tʰoxi pë witipraimi
não conseguimos mais cortar cipó com os dentes,

yaro yama yãhi pë waxikipraimi
não conseguimos mais mastigar carnes de caça,

yama ki aka hwai porepërario
falamos de maneira enrolada,

yama ki ikaprarou kiri na ki mi në kirihiha
ficamos com medo de rir porque envergonha não ter dentes.

Notas:

1. As dores de dentes e cáries são atribuídas aos espíritos *Kamakari*, "comedores de dentes".

2. *Omamari* é um ente maléfico da floresta. Caça os Yanomami fornecendo parte de seus corpos (ossos, dentes, etc.) para seus cães (os espíritos *Kamakari*).

3. Lit. "excrementos do espírito *Kamakari*".

4. Lit. "caminho do espírito *Kamakari*".

5. Aqui, literalmente, "excrementos do espírito *Kamakari*" (*Kamakari xi pë).*

Cães de Omamari comendo os dentes

Anexo

Xamã
curando

1 . Os Watoriki tʰeri pë

Os antepassados dos Watoriki tʰeri pë habitavam a região das cabeceiras do rio Mucajaí durante as primeiras décadas do século XX. Passaram depois, através de pequenos movimentos migratórios, para a bacia do rio Couto de Magalhães (anos1930), onde foram contaminados pelas primeiras epidemias (sarampo, gripe)[1] oriundas da fronteira regional (por intermédio de grupos indígenas vizinhos).

Prosseguindo em sua lenta migração para o Sul (anos 1940), chegaram, enfim, à região das cabeceiras do Rio Catrimani, onde passaram os anos 1950. Nos anos 1960 habitavam o alto rio Lobo d'Almada (afluente do Catrimani). Começaram a ter, entre 1965 e 1968, contatos esporádicos com a missão católica do Catrimani, que se estabeleceu na região neste período (a aproximadamente cinco dias de caminhada em direção ao Sul). Há também memória de várias mortes por gripe atribuídas a estes contatos.

Em 1970, entraram em contato com a missão evangélica Novas Tribos do Brasil, no rio Tootobi. Acabaram sendo atraídos para a periferia da área de influência desta missão, no rio Mapulaú, em 1971-72. No verão de 1973 foram atingidos, neste local, por uma epidemia (não identificada) que atribuíram à fumaça de uma explosão em seguida ao pouso de um helicóptero na área (prospecção geológica ?)[2]. Esta epidemia custou a vida de uma grande parte da aldeia (entre 35 e 40 óbitos).[3]

Em 1974, os sobreviventes dos Watoriki tʰeri pë se separaram. Uma parte (grupo do Lourival) se estabeleceu na vizinhança de um posto da FUNAI recentemente aberto no Mapulaú. A outra parte (grupo do Noé), voltou para a região de origem da comunidade, no alto rio Lobo d'Almada. No começo de 1977, uma epidemia de sarampo, oriunda da missão Catrimani, atingiu o grupo do Noé no Lobo d'Almada, matando, novamente, de 10 a 15 pessoas.[4]

Em 1977, a FUNAI desativou o posto Mapulaú. Abriu, no ano seguinte, o posto Demini, no km 211 da Perimetral Norte, a menos de cem quilômetros a sudeste do anterior. O grupo do Lourival começou então um movimento de migração progressiva na direção do posto Demini, com o qual passou a ter contatos regulares (trocas, assistência sanitária). Os remanescentes do grupo do Noé, depois de uma tentativa de aproximação da missão Catrimani, acabaram se juntando novamente ao grupo do Lourival, no começo dos anos 1980. Os Watoriki tʰeri pë moram hoje numa única aldeia, a 3 quilômetros do posto Demini.

2. Línguas e dialetos Yanomami[5]

O termo Yanomami é usado de maneira genérica para designar o conjunto cultural e territorial constituído pelo grupo indígena como um todo. No plano lingüístico, designa uma família de quatro línguas subdivididas em vários dialetos.

A primeira descrição desta divisão do conjunto yanomami em quatro línguas foi proposta há vinte cinco anos por Migliazza (1972), com dúvidas sobre uma possível quinta área lingüística, mal conhecida, cobrindo os rios Ajarani, Apiaú e o baixo Mucajaí. Assim, temos no Brasil:

1- *Yanomam* (rios Uraricoera, Parima, alto Mucajaí, Catrimani, Toototobi),

2- *Yanomami* (rios Demini, Aracá, Padauiri, Cauaburis)

3- *Ninam ou Yanam* (rios Uraricaá, médio Mucajaí)

4- *Sanima* (rio Auaris)

Um estudo mais recente (Ramirez 1994) modificou um pouco esta primeira descrição, da seguinte maneira:

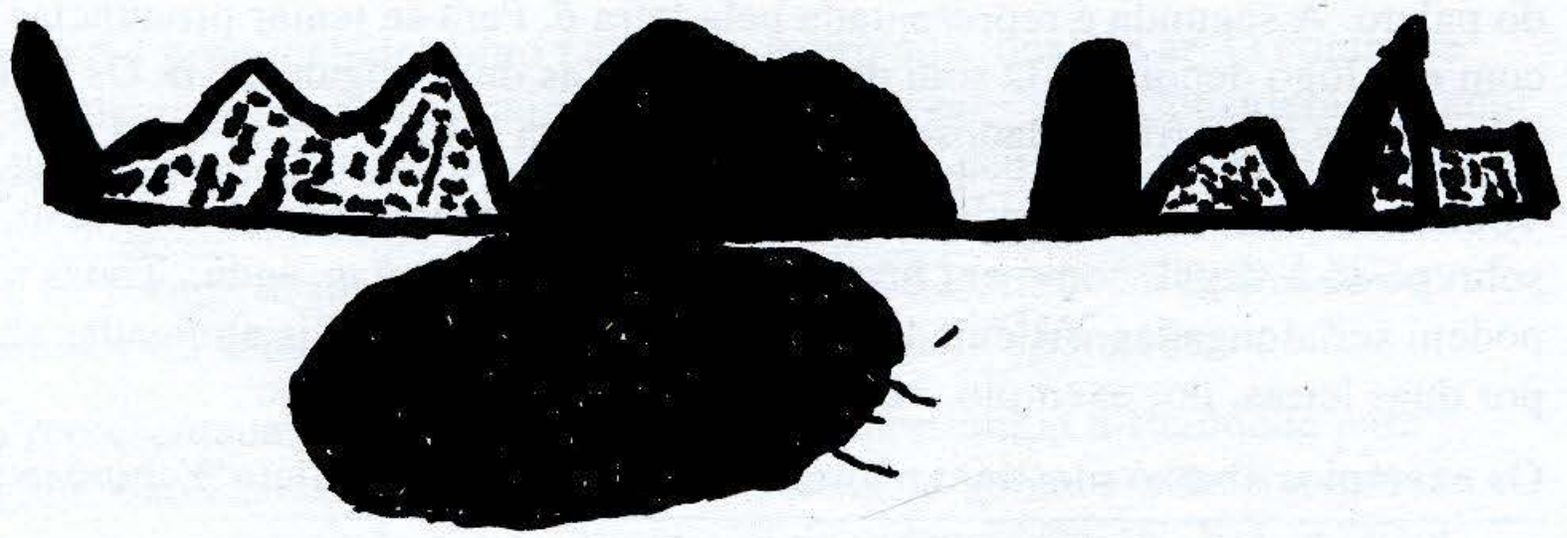
1- *Yanomam* e *Yanomami* passam a ser vistos como dois "super-dialetos"- oriental e ocidental - de uma mesma língua ("divisão Y");

2 e 3- *Ninam* - *Yanam* e *Sanima* permanecem classificados como línguas separadas ("divisão N" e "divisão S");

4- o idioma da área Ajarani, Apiaú, baixo Mucajaí e médio Catrimani (igarapé do Castanho e rio Pacu) passa a ser considerado como uma quarta língua ("divisão A").

Cada uma destas línguas é subdividida em dialetos com nítidas diferenciações fonológicas, lexicais e morfo-sintáticas. O Yanomami oriental (o *Yanomam* de Migliazza) tem, por exemplo, dialetos distintos: a) na região do Catrimani/Tootototobi, b) no alto Mucajaí (Xitei, Homoxi, Paapiú) e, c) na área de Surucucus. Pode-se, além disso, observar diferenças subdialetais mais sutis: o subdialeto do alto Catrimani tem, por exemplo, certas diferenças fonológicas e léxicas com relação ao idioma da área da missão Catrimani e do Tootototobi. Em certas regiões de "fronteira" entre línguas, dialetos ou subdialetos, pode-se encontrar até variações lingüísticas de uma aldeia para outra ou mesmo dentro de uma mesma aldeia (em razão dos casamentos entre malocas de fala distinta).

A fala dos Watoriki tʰeri pë do P.I. Demini apresentada nestas cartilhas pertence ao dialeto do alto Catrimani da língua *yanomam* (classificação de Migliazza) ou yanomami oriental (classificação de Ramirez). Esse dialeto é designado como *Yanomae tʰë ã*, "língua *yanomae* ".



Espíritos xamânicos

3. Sons e grafia yanomami (dialeto *Yanomae*)[6]

As vogais

O dialeto *Yanomae* tem sete vogais que aparecem na tabela abaixo conforme a posição da língua na boca durante a articulação:

	anterior	central	posterior (arredondada)
alta/fechada	***i***	***ɨ***	***u***
média	***e***	***ë***	***o***
baixa/aberta		***a***	

Cinco dessas vogais são comuns ao português. As duas únicas que podem ser difíceis de pronunciar são, portanto, ***ɨ*** e ***ë***. A primeira é representada pela letra ***i*** e seu som fica entre ***i*** e ***u***. Para se pronunciar ***ɨ***, começa-se a pronunciar ***i*** e logo depois ***u***. Ao mesmo tempo, os lábios ficam estendidos e a massa da língua fica pressionada contra o centro do palato. A segunda é representada pela letra ***ë***. Para se tentar pronunciar ***ë***, começa-se com ***e*** e, logo depois, ***o***. O som do ***ë*** fica entre as duas vogais ***e*** e ***o***. Os lábios ficam relaxados e não arredondados e a massa da língua solta.

Todas estas sete vogais podem ser nasalizadas e representadas, neste caso, por um til sobreposto à vogal, como em *hũxomu*, 'assobiar', ou *mã u*, 'água'. Todas as vogais também podem ser alongadas, articuladas com maior duração. Vogais alongadas são representadas por duas letras, por exemplo, *xaari*, 'reto', e *pẽẽ nahe*, 'tabaco'.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das vogais no dialeto *Yanomae* :

i	*imi*	'dedo'
e	*here*	'molhado'
ɨ	*pitɨ*	'cheio'
ë	*ëpëhë*	'mole'
a	*aka*	'língua'
u	*kuyuhu*	'curvado'
o	*koro*	'parte de baixo, parte de trás, jusante'

As consoantes

O dialeto *Yanomae* tem 13 consoantes, que aparecem na tabela abaixo, conforme o modo de articulação e a posição da língua na boca durante a articulação:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas					
Simples	***p***	***t***		***k***	
Aspirada		***tʰ***			
Fricativas	***hw***	***s***	***x***		***h***
Vibrante		***r***			
Nasais	***m***	***n***			
Semivogais	***w***		***y***		

As **oclusivas simples** são representadas pelas letras ***p***, ***t***, e ***k***. ***p*** e ***t*** são pronunciadas freqüentemente como suas respectivas contrapartes sonoras ***b*** e ***d***, não mudando o significado da palavra. A oclusiva ***k*** é sempre pronunciada como tal. As oclusivas simples são basicamente as mesmas que existem em português, nas palavras: 'papo', 'teto' e 'cabo'.

A **oclusiva aspirada** ***tʰ*** é pronunciada como ***t*** com um sopro adicional de ar. O contraste entre ***tʰ*** e ***t*** pode ser exemplificado nas palavras *tʰai*, 'fazer' e *tai*, 'ver'. Consideramos aqui ***tʰ*** como uma unidade fonêmica, como é o caso nas gramáticas pedagógicas de Borgman (1976, 1990) sobre o *Sanima*, e Lizot (1996) sobre o Yanomami ocidental. Entretanto, deve-se notar que no recente trabalho de Ramirez (1994:61-62), também dedicado ao Yanomami ocidental, este som é analisado como uma seqüência de fonemas ***t*** e ***h***.

As **fricativas** são representadas pelas letras ***s***, ***x*** e ***h***. Não apresentam dificuldade para quem fala português. São basicamente similares aos sons ***s*** de 'saber' e ***x*** de 'lixo'; ***h*** é semelhante à pronúncia carioca da consoante inicial da palavra 'rápido'. Existe, além de ***h***, o fonema ***hw***. ***hw*** é pronunciado como uma seqüência formada pelo som ***h*** e, logo depois, pelo som ***w*** (como ***u*** na palavra água). Trata-se, de acordo com Ramirez (1994: 35-36), de um fonema residual com distribuição limitada (nunca acompanha ***i***, ***o*** ou ***u***). Esse fonema é específico ao subdialeto *Yanomae* do alto Catrimani (aldeias do Posto Demini, rio Lobo d'Almada e rio Jundiá) e corresponde ao fonema ***f*** da região de Surucucus. Além dessa particularidade, todas as outras qualidades fônicas descritas aqui são idênticas nas outras áreas de fala *Yanomae*: Tootototobi, Catrimani, Paapiú, Xitei, Homoxi, Palimiú, etc.

A **vibrante r** é produzida quando a ponta da língua bate brevemente na região alveolar, atrás dos dentes superiores. Pode encontrar-se pronunciada como a lateral ***l***. Também é muito parecida ao ***n*** quando ocorre ao lado de uma vogal nasalizada. Por exemplo, a pronúncia do ***r*** é igual a ***n*** depois de ***õ***: *mõri* = *mõni*, 'um, quase'.

As **nasais**, ***m*** e ***n***, são basicamente as mesmas que existem em português nas palavras 'mato' e 'nove'.

As **semivogais** são representadas pelas letras ***w*** e ***y***. Estes tipos de sons são pronunciados como vogais, mas têm uma duração curta como consoantes e ocorrem precedendo ou seguindo uma vogal. O som de ***w*** é semelhante ao som representado por ***u*** na palavra portuguesa 'água'. O som de ***y*** é semelhante ao som representado por ***i*** na palavra portuguesa 'praia'.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das consoantes no dialeto *Yanomae*:

p	*poko*	'braço'
t	*totihi*	'bom'
k	*koai*	'beber'
tʰ	*tʰoko*	'tosse'
s	*siki*	'pele'
x	*xiki*	'intestinos'
h	*hutu*	'roça'
hw	*hwama*	'convidado'
r	*rape*	'comprido'
m	*mamo*	'olho'
n	*naki*	'dente(s)'
w	*waĩsipë*	'pequeno'
y	*yopi*	'quente'

Xamã curando

A sílaba

A sílaba mais comum consiste de uma consoante e uma vogal, como, por exemplo, em *wa-kë*, 'fogo'. Ocorrem também outros tipos de sílabas, como, por exemplo, V-CV em *a-ra*, 'arara', CVV em *puu*, 'mel' ou CCVV em *pree*, 'grande'.

Existem entretanto seqüências de vogais difíceis de pronunciar, como, por exemplo:

pëi -VV	'sentir-se mal, ficar doente'
maniai ---VVV	'dar uma terçadada'
Aiamori VVV----	'espírito das flechas'
praiai --VVVV	'dançar nas festas *reahu* (apresentação)'

Existem, também, agrupamentos de certas consoantes difíceis de pronunciar. Por exemplo:

hr	*hrake*	'escorregadio'
	hrami	'picante'
	hriki	'lombo'
	tuhrai	'vomitar'
kr	*kraioa*	'um branco'
	kreai	'quebrar'
	krërirai	'raspar, aplainar'
	takri	'piranha'
pr	*pree*	'grande'
	prika	'pimenta'
	prohe	'frouxo'
	prõõ	'mosca'
mr	*mraka*	'areia'

Acentuação

O acento marca a intensidade de uma sílaba. A acentuação na penúltima sílaba é mais freqüente no dialeto *Yanomae*, como, por exemplo, em: *xáma*, 'anta' e *watóri*, 'vento forte'. Para dar ênfase, entretanto, o acento pode ser colocado na última sílaba da frase, como, por exemplo, em: ya nini *mahí* ! 'estou com muita dor !'.

Notas:

1. Aldeias de *Xiomaa* e *Mrakapii* (ver Cartilha 1).

2. Aldeia de *Werihisipi u* (ver Cartilha 1).

3. Estimativa a partir de genealogias (arquivo B. Albert). A aproximação do número vem essencialmente da dificuldade do recenseamento dos óbitos de crianças menores.

4. Aldeia de *Hwaya u* (ver Cartilha 1). Esta epidemia atingiu quatro grupos do Lobo d'Almada, matando um total de 68 pessoas (arquivo Missão Catrimani e B. Albert). Ela se alastrou também entre os grupos do Paapiú, então isolados, com um número desconhecido de vítimas.

5. Fonte: Albert & Goodwin Gomez, 1997.

6. Fonte: Albert & Goodwin Gomez, 1997.

Bibliografia

ALBERT, B. & G. GOODWIN GOMEZ

1997 *Saúde Yanomami. Um manual etnolingüístico.* Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi (Coleção Eduardo Galvão).

BORGMAN, D.

1976 *Gramática pedagógica Sanumá.* Boa Vista, MEVA.

1990 "Sanuma", in: *Handbook of Amazonian Languages* (D.C Derbyshire e G.K. Pullum orgs.). Haia, Mouton. Vol. 2, pp. 17-248.

LIZOT, J.

1996 *Introducción a la lengua yanomami. Morfología.* Caracas, Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho.

MILLIKEN,W. & B. ALBERT

1997 "Plantas medicinais dos Yanomami: um novo entendimento dentro da etnobotânica de Roraima", in: *Bases para o Desenvolvimento Científico de Roraima,* R. I. Barbosa, E. Castellon et E. Ferreira (orgs.). Boa Vista, INPA.

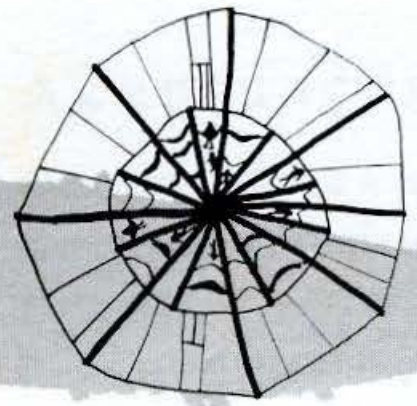
sd. *Saúde Yanomami (II). Um guia de plantas medicinais.* (em preparação).

MIGLIAZZA, E. C.

1972 *Yanomama Grammar and Intelligibility.* Tese de Doutorado, Indiana University.

RAMIREZ, H.

1994 *Le parler Yanomami des Xamatauteri.* Tese de Doutorado, Université d'Aix en Provence.



CCPY
Comissão Pró-Yanomami

R. Manoel da Nóbrega 111 - Cj. 32
04001-900 **São Paulo** SP
Fone: (+55.11) 289.1200
Fax: 284.6997
ccpysp@uol.com.br

R. Capitão Bessa 272
69306-620 **Boa Vista** RR
Fone: (+55.95) 224.7568
Fax: 224.3441
ccpyrr@technet.com.br

Os direitos autorais dessa publicação pertencem aos Watoriki t'eri pë (Comunidade do Demini)

Julho de 1997

Coordenação Editorial
Claudia Andujar

Assessoria Técnica
Ana Isabel Dias
(odontóloga, Diocese de Roraima)
Deise Alves Francisco
(médica, CCPY)
Maria Edna de Brito
(educadora, CCPY)

Produção dos Textos
Claudia Yanomami
Davi Kopenawa Yanomami
Geraldo Yanomami
Joseca Yanomami
Lourival Yanomami
Tenose Yanomami
e os demais alunos da escola
dos Watoriki t'eri pë (Demini)
sob a coordenação de Bruce Albert
(antropólogo, ORSTOM)

Ilustrações
Dário Yanomami
Hyko Yanomami
Isligue Yanomami
Jair Yanomami
Joaquim Yanomami
José Yanomami
Joseca Yanomami
Mozaniel Yanomami
Pedrinho Yanomami
Poraco Yanomami
Roberto Yanomami
Sebastião Yanomami
Sergio Yanomami

Design Gráfico
Roberto Strauss

Apoio ao Programa de Educação da CCPY

Ministério da Educação e do Desporto

UNICEF - Brasil

Earth Love Fund

Apoio ao Projeto de Educação em Saúde da CCPY

Fundação Nacional de Saúde - FNS

IWGIA

Apoio Institucional à CCPY

Fafo

OXFAM

Novib

92

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org